



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos

Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE) CEP 49.100-00

**A FACE FEMININA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE
DAS ATUAÇÕES DAS MULHERES NO ESFORÇO DE GUERRA A
PARTIR DOS FILMES *O LEITOR* (2008), *AS MÃES DO TERCEIRO
REICH* (2012), *A BATALHA DE SEVASTOPOL* (2015) E *AS ESPIÃS DE
CHURCHILL* (2019)**

JANAÍNA DE OLIVEIRA SOUZA

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2022

JANAÍNA DE OLIVEIRA SOUZA

**A FACE FEMININA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE
DAS ATUAÇÕES DAS MULHERES NO ESFORÇO DE GUERRA A
PARTIR DOS FILMES *O LEITOR* (2008), *AS MÃES DO TERCEIRO
REICH* (2012), *A BATALHA DE SEVASTOPOL* (2015) E *AS ESPIÃS DE
CHURCHILL* (2019)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do Título de Graduação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andreza Santos Cruz Maynard (CODAP/ProfHistória/UFS)

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2022

À minha família.
E à todas as mulheres,
destruam o patriarcado, queridas.

“Se tudo que conhecemos foi construído sob as leis do patriarcado, devemos desconfiar de qualquer ciência, qualquer análise, qualquer visão de mundo, que não considere as consequências desse sistema.”

(QG Feminista)

“Abrir espaço para imagens transgressoras, para visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver.”

(bell hooks)

“Um mundo inteiro foi escondido de nós. A guerra delas permaneceu desconhecida... Quero escrever a história dessa guerra. A história das mulheres.”

(Svetlana Aleksievitch)

AGRADECIMENTOS

Nesse espaço tenho muito a agradecer. Primeiramente (e espero que não soe narcisista) agradeço a mim. Por mesmo diante de tanta ansiedade, insegurança e questionamentos ter acreditado na potencialidade desse tema, e acima de tudo, por ter mergulhado nele de cabeça e coração. Agradeço também à Janaína de 2017, que saiu de uma pequena cidade no interior do centro-norte baiano (alô, Pindobaçu) e foi em busca do que acreditava em Sergipe. Mesmo diante do medo, e de muitas opiniões contrárias saí de casa para cursar Licenciatura em História, por entender que, a educação é transformadora e que a História me escolheu para seguir por meio dela questionando dogmas e antigas concepções, como também, para dar voz aos que tiveram suas liberdades e espaços negados.

Embora agradeça a mim em muitos aspectos, a construção desse trabalho e a minha vivência na Universidade Federal de Sergipe (UFS) não foi solitária, dessa forma, há inúmeras pessoas incríveis que tornaram isso possível. Quanto ao plano espiritual, venho tentando entender a minha relação com a fé a muito tempo, e embora ainda não tenha me fixado em uma espiritualidade/crença específica, deixo esse espaço aberto em agradecimento ao que possa existir e tenha me guiado até aqui, além de deixar quem estiver lendo livre para agradecer ao que crê.

Em destaque, agradeço à minha família. Entendam que o espaço aqui não é suficiente para que eu agradeça a vocês todo cuidado, carinho e admiração direcionados a mim, mas externarei um pouco desse amor mesmo assim. À painho (Evanderlito), agradeço por toda a dedicação e amor, e se hoje eu mergulho nos meus sonhos, é porque aprendi com sua trajetória de vida – e nunca esqueça que o senhor é sempre será o homem da minha vida. À mainha (Jucineide), obrigada por ter me ensinado sobre amor, humildade e educação, por sempre ser a melhor amiga que eu poderia ter, e se hoje sou uma mulher forte, é porque aprendi a ser ao te observar. Às minhas irmãs (Fabiana e Juliana) por terem sido além de irmãs e amigas, mães para mim. Agradeço – e me desculpo – por terem abdicado de muitos momentos seus para me educarem, mas saibam que cada passo dado por mim só é possível porque vocês me ensinaram a caminhar (literalmente). À minhas sobrinhas (Emilly e Maria Júlia) obrigada por me proporcionarem sentir a potencialidade do amor que é ser tia. À Emilly, que me atura a

12 anos, obrigada pela amizade que fortalecemos a cada dia, saiba também, que ainda tenho muito anime para te apresentar. À Maria Júlia, que ainda não saiu da barriga da mamãe (Juliana) entenda que te espero ansiosamente, e que estaremos sempre juntas – eu, você e Emilly contra toda a carece de mãos dadas. Agradeço também aos meus cunhados (Miguel e Leandro), por tanto carinho e por serem os irmãos (homens) que nunca tive. Aos meus filhos (pets) Akira, Brisa (*in memoriam*), Jiji, Manon e Princesa, por serem a paz, alegria e diversão que eu tanto aprecio, como também, por serem a minha força em momentos difíceis. Por fim, família, saibam que “enquanto houver vocês do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar”.

Aos super amigos que a UFS me proporcionou. À Joyce Sandes, dona da Pedra Preta e de um dos corações mais humildes que já conheci, que consegue ser bela – externa e internamente – na mesma proporção. Obrigada por tanto e por ter sido minha ancora nesses últimos meses de graduação, compreenda que ser sua amiga é mais que um privilégio. À Manuel, que chegou de mansinho nesse último semestre e conquistou um grande espaço no meu coração, agradeço por tanto carinho e amizade (ah, também não poderia deixar de agradecer por todos os cafés e alfajores). Vocês dois (Joyce e Manuel) tornaram a meu último período doce e leve.

À Jonas, o dono dos melhores argumentos e poemas, obrigada por sempre buscar potencializar as minhas conquistas, espero que você consiga entender e valorizar também o seu gigante potencial. À Andrielle, que sempre me mostrou o seu lado mais doce, e que sempre me proporciona as melhores conversas na madrugada. À Amanda, por me ensinar sobre força e autossuficiência, obrigada por tudo e não se amedronte diante do futuro, siga seu coração e acredite no seu potencial que é tão gigante quanto a beleza da América Latina. À Rodrigo, que em tão pouco tempo me conquistou, e que através do seu coração e axé me transmite sentimentos bons. À Leandra, dona do coração mais empático de Sergipe, obrigada por sempre ser tão doce e tentar fazer com que eu enxergue potenciais e beleza onde muitas vezes não vejo. À Lucas, o maior pesquisador que Simão Dias jamais sonhou em ter, você é beleza e inteligência em tudo que faz.

À Gisellen, por toda a amizade compartilhada nesses anos de curso, e principalmente, por ter sido a minha confidente de inseguranças e medos durante o processo de escrita desse trabalho. Entenda que você é tão gigante quanto seu coração. À Glauco, que hoje ocupa um lugar de destaque na minha vida, agradeço pela amizade, por me ouvir e sempre enxergar o melhor em mim. Obrigada também por ter acreditado nesse

trabalho mesmo quando ele estava no plano das ideias. À Sylvia, por ter sido uma fortaleza para mim em muitos momentos, sua amizade é tão pura quanto você. Aos meus amigos de inteligência e músculos gigantescos, Carlos e Rafael, agradeço por tanto carinho e conversas partilhadas, que nosso grupo e amizade permaneça vivo em nós pra sempre. À João, Gustavo, Vitor e Rodrigo, amigos que a História me trouxe e que levarei no coração.

Às amigas e mulheres mais incríveis de Pindobaçu. À Lisandra, por tanta cumplicidade desde a infância, que além de prima, é minha amiga para todas as horas. À Danielle (melhor empreendedora de Pindobaçu), por ser minha paz e risada garantida, te agradeço por sempre acreditar em meu potencial, saiba que também acredito muito em você. Obrigada também, por sempre me fazer lembrar que nossas diferenças só nos unem mais e mais. A Thais, por me amar mesmo diante das adversidades, e por ser a pessoa mais espontânea que já conheci. À Helena, por sempre ser doce e leve. À Sarah, por todo carinho e dedicação a qual ela dedica a quem ama. À Inara, por entender e partilhar comigo um modo livre de ser e viver a vida. A Iara (*in memoriam*) por ter me permitido conhecê-la e amá-la, sei que você está cuidando de mim aí de cima, sereia.

À Roberto, por me entender com um olhar e me proporcionar as melhores risadas. À Ruana, por ter sido meu porto seguro em muitos momentos da vida, e por sempre ter cuidado de mim com muito amor e carinho. À Danielle P. (salve Tijuaçu), que compartilhou comigo boa parte de sua trajetória, que seja no IF, na UFS ou como minha *roommate* me ensinou/ensina sobre força e inteligência. Obrigada por todas as conversas, saiba que em mim (ou em onde eu estiver) você sempre terá um lar para qual voltar. Ah, continue fazendo do mundo um lugar melhor para nós. À Gabriel, meu ex-namorado e atual amigo (contrariando algumas estatísticas), obrigada pelos momentos compartilhados em boa parte da minha trajetória em Sergipe, e principalmente, por sempre buscar que eu enxergue a força que há em mim. Obrigada também por ter me apresentado Dona Helena e Rafa, que durante muito tempo foram uma família sergipana para essa baiana que vos fala.

À minha orientadora, professora Andreza Maynard. Que desde o primeiro período da faculdade me inspira enquanto pesquisadora, professora e mulher. Agradeço por todo o aprendizado partilhado e por ter acreditado em mim e nesse trabalho. Ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS), em especial ao professor Dilton Maynard e a professora Andreza Maynard, por terem me acolhido e dado tamanha oportunidade.

Através do GET eu pude aprender e crescer, como também, conhecer pessoas as quais me inspiram a cada dia enquanto professores e pesquisadores. Agradeço em especial, à Liliane, Priscila, Pérola, Beatriz, Diego e Adriana, bem como aos demais colegas do Leituras da Segunda Guerra Mundial por todo carinho, atenção e aprendizados compartilhados.

À todos os professores e professoras que me guiaram ao longo da vida, saibam que a conclusão dessa etapa só se tornou possível graças a vocês. Se hoje sigo o caminho da Educação, é porque vocês me inspiraram através dela. À meus amigos do IF, em especial aqueles que me incentivaram a percorrer os caminhos que desbravo hoje. À Sergipe, que apesar de ser o menor estado (em território) do Brasil se mostrou imenso em cultura e história, e foi aqui, que cresci e amadureci. À Universidade Federal de Sergipe, por ter me proporcionado inúmeras vivências e a possibilidade de conhecer pessoas que levarei pra vida.

Por fim, agradeço à todas as mulheres. Às que vieram antes e hoje me proporcionaram ter voz e lugar de fala, às que permeiam a minha vida enchendo-a de significado, força e aprendizado, e às que virão. Lembrem-se que “somos mulheres, e a força sempre nos encontra”. No mais, continuemos lutando por direitos e espaços que são nossos, bem como, na luta para mantermos as conquistas que já consolidamos. Quanto a História, busquemos transformá-la em um espaço que permeie também as nossas narrativas. Sigamos!

RESUMO

Os campos de estudo *História das Mulheres* e as *Relações de Gênero* são fundamentais para uma escrita historiográfica que incorpore as mulheres enquanto sujeitos históricos ativos. A demanda por tais perspectivas reverbera necessidades políticas, culturais, sociais e acadêmicas de se construir estudos e relatos históricos que se apropriem de novos objetos e fontes de observação. Partindo dessa condição, o presente trabalho promove uma análise acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pautando essa observação e discussão nas atuações destas no esforço de guerra a partir das narrativas empreendidas pelos filmes *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espiãs de Churchill* (2019). A escolha do momento histórico explorado reflete as diversas dimensões e possibilidades de estudo desse conflito, bem como o caráter de *Guerra Total* empreendido a ele, que ao mobilizar diversos meios e indivíduos para atuações nas esferas da guerra – como também, para suprir a escassez de mão de obra – acaba por inserir as mulheres nesse recinto. Para mais, fundamentado no entendimento da guerra como um reduto que reforça e quebra barreiras de gênero o presente estudo se vale da funcionalidade dos filmes como agentes da história, assim como, do aparato teórico-metodológico da relação *História e Cinema* para promover reflexões e exposições no que concerne aos papéis, atuações e representações dessas mulheres no conflito. Frente a isso, a partir da argumentação e do exame aqui desenvolvido é possível concluir que mesmo com uma escassez de relatos as mulheres dispuseram de papéis decisivos nos rumos da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: História das Mulheres; Relações de Gênero; Segunda Guerra Mundial; Esforço de Guerra; Filmes.

ABSTRACT

Women's History and *Gender Relations* fields are fundamental for a historiographic writing that incorporates women as active historical subjects. The demand for such perspectives reverberates political, cultural, social and academic needs to build studies and historical reports that appropriate new objects and sources of observation. Starting from this condition, the present work promotes an analysis about female participation in World War II (1939-1945), guiding this observation and discussion on their actions in the war effort based on the narratives undertaken by the films *The Reader* (2008), *Third Reich Mothers* (2012), *Battle for Sevastopol* (2015) e *A call to Spy* (2019). The choice of the historical moment explored reflects the various dimensions and possibilities of study of this conflict, as well as the character of *Total War* undertaken to him, who by mobilizing various means and individuals to act in the spheres of war – as well as to supply the scarcity of labor – ends up inserting women in this enclosure. Furthermore, based on the understanding of war as a stronghold that reinforces and breaks gender barriers the present study makes use of the functionality of films as agents of history, as well as the theoretical-methodological framework of the relationship *History and Cinema* to promote reflections and exposures regarding the roles, performances and representations of these women in the conflict. In view of this, from the argumentation and the examination developed here, it is possible to conclude that even with a scarcity of reports women had decisive roles in the direction of World War II.

Key-words: Women's History; Gender Relations; World War II; War Effort; Movies.

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Capítulo: Historiografia em debate: a produção de narrativas históricas ancoradas na História das Mulheres e nas Relações de Gênero.....	18
1.1.O fazer História para além das narrativas oficiais	18
1.2. História das Mulheres e as Relações de Gênero	24
2. Capítulo: No espelho da Segunda Guerra Mundial	29
2.1. Repensando a Guerra e suas dimensões.....	29
2.2. A Segunda Guerra Mundial e o caráter de Guerra Total	33
2.3.A inserção feminina no esforço de guerra.....	36
3. Capítulo: As mulheres e a Segunda Guerra Mundial: atuações e representações através dos filmes de guerra	42
3.1. A face feminina da Segunda Guerra Mundial.....	42
3.2. Mulheres, Cinema e Guerra: os filmes e a análise histórica	47
3.2.1. O caso alemão a partir do filme <i>O leitor</i> (2008)	53
3.2.2. O caso francês a partir do filme <i>As mães do Terceiro Reich</i> (2012).....	57
3.2.3. O caso soviético a partir do filme <i>A batalha de Sevastopol</i> (2015)	61
3.2.4. O caso britânico a partir do filme <i>As espiãs de Churchill</i> (2019)	65
3.3. Convergências e divergências de narrativas	69
Considerações finais	73
Referências	75

INTRODUÇÃO

Pensar e, primordialmente, escrever a História não é uma tarefa fácil. O papel do historiador nesse processo reverbera teorias, fontes, metodologias e demandas da sociedade. Ponderar e escrever a História é empreender um imenso esforço de reconstrução, é lidar com algo problemático, incompleto e indiciário. É, acima de tudo, estabelecer estudos incertos para uma sociedade de incertezas¹. Dessarte, sem empreender nessa escrita imagens estáticas para me fixar, bem como, entendendo que o processo de produção de relatos históricos é feito também de transgressões, a presente monografia objetiva intensificar o debate historiográfico com relação a assimilação de mulheres enquanto sujeitos ativos na História, empreendendo tal fato, a partir da construção de narrativas acerca da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ancoradas nas atuações e representações femininas na conflagração por meio da análise de filmes de guerra que as apresentem inseridas e atuantes nesse período.

Tal inserção feminina em produções historiográficas não é algo atual, tal qual, o nascimento do que hoje se conhece como *História das Mulheres* remonta a efervescência política e social ligada a crise dos paradigmas entre os anos de 1960-70². A partir desse contexto, esse vasto campo passa a ser apropriado como objeto de estudo pelas Ciências Humanas, que dele, na busca de trazer novas questões de estudo passam a entendê-lo – em paralelo as *Relações de Gênero* – como um escopo útil para a análise histórica.

Ademais, mesmo diante do variado número de trabalhos acadêmicos que atualmente abarquem as mulheres enquanto sujeitos ativos, objetos de pesquisa e as insiram em debates acerca das relações de gênero e as sociedades nas mais variadas épocas e contextos, a apropriação desses papéis e relatos femininos pela história é pautado ao longo do tempo em adversidades, visto que, “a dificuldade da história das mulheres, ou de uma história sobre mulheres, deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos como privados”³. Consequentemente, esse apagamento está ligado a constituição dos arquivos e da memória, já que a sedimentação destes é resultado de inúmeras relações de força e de sistemas de valor, que acabam por criar empecilhos – principalmente ligados aos métodos da escrita histórica – no que

¹ MAYNARD, Dilton. **Histórias em horas extremas: anotações sobre o tempo presente**. In: MAYNARD, Dilton C. S; MAYNARD Andreza D. C (Org). **Visões do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, Vol II, 2013.

² PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 15.

³ **IDEM**, p. 29.

tange a fontes palpáveis que possam servir de base para um aprofundamento dos debates e pesquisas que incorporem nos seus objetos os feitos femininos, levantando assim, questionamentos acerca da aplicabilidade de uma História das Mulheres dentro da historiografia⁴. Além do fator documental, a produção histórica durante muito tempo permaneceu com os focos voltados para a primazia da História Política, dos grandes feitos e dos grandes homens, que acabaram por se apresentar como trincheiras para o desenvolvimento de trabalhos que abarquem essas questões transgressoras.

Dessa maneira, quando pensamos em guerras, e de forma específica na Segunda Guerra Mundial, entendemos esse espaço permeado por muitos debates e produções. Contudo, é perceptível também, como muitas dessas pesquisas acabam por repetir velhas questões e relações de poder, apresentando esse conflito permeado em grandes feitos, a grandes gerais e a batalhas monumentais. No presente trabalho, o marco temporal abriga o maior conflito bélico já registrado na história – a Segunda Guerra. Conflagração esta, considerada um dos fatos históricos mais importantes, devastadores, cruéis e diversos da história global.

Essa pluralidade de dimensões, acaba por influenciar as intensas produtividades acerca do tema – seja de livros, filmes, séries, estudos acadêmicos, podcasts etc. – mas, apesar dessa diversidade de produções e de análises, o tema ainda apresenta lacunas a serem observadas e questionadas. De modo que, a partir desse conflito podemos elucidar, identificar e descrever diversos acontecimentos, estudar o comportamento de pessoas ou analisar decisões políticas, porém, por meio dessa guerra, “consequimos também, caracterizar a sociedade em seu contexto, os papéis sociais dos indivíduos que dela participaram”⁵.

À visto dessas observações, as mulheres e suas atuações pouco a pouco vêm sendo inseridas na História, tal circunstância, perpassa também a adição delas em relatos sobre a guerra. Além disso, mesmo que tais participações já se incluam nas análises históricas, essa lacuna ainda carece de mais narrativas que busquem entendê-las dentro dos seus papéis sociais, de hierarquias políticas e culturais, como também, nas relações de gênero e aquisição de espaço. E mesmo que já exista uma variedade de trabalhos que perpassam a temática da Segunda Guerra Mundial, esse viés se encontra a margem, pois, “já aconteceram milhares de guerras – pequenas

⁴ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 13-14.

⁵ MELLO, Ana C. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015, p. 14.

e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... foi escrito por homens e sobre homens”⁶.

Assim, em grande parte, o que sabemos da guerra é perpassado por uma “voz masculina”, de tal modo, a escrita de uma história que se pautar também nos feitos femininos dessa guerra se apresenta relevante, de modo que, por meio delas possamos entender melhor as diversas dimensões, influências, personagens e acontecimentos desse conflito, compreendendo-o para além de um viés puramente político, mas como uma guerra de indivíduos, de dinâmicas sociais e de gênero⁷.

Por conseguinte, alicerçada à necessidade de pluralização da escrita da história, tal qual, o preenchimento de narrativas históricas sobre a Segunda Guerra que abarquem as atuações de mulheres no seu desenrolar, o presente trabalho para fundamentar tal estudo se vale – no que concerne as fontes utilizadas – de filmes que englobam esse momento histórico a partir do viés feminino. Ademais, a escolha da utilização dessas películas reverbera a visualização da frutífera relação entre Cinema e História – no que concerne a teorias e métodos de análise. Bem como, a observação do Cinema enquanto “agente da história”, que de acordo com o historiador José D’Assunção Barros (2011), essa visão se empreende no sentido de que os filmes interferem nela direta ou indiretamente, como também, são interferidos todo o tempo pela história, que o determina em variados aspectos. Desse modo, podemos visualizar os filmes aqui estudados como agentes, mas também, produtos da história⁸.

Quanto as películas selecionadas para a análise estas foram: *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espiãs de Churchill* (2019). Filmes estes, produzidos após o desenrolar do conflito, e que assim, conseguem transmitir valores do momento histórico a qual eles abarcam, da mesma forma que, exprimem as bandeiras e demandas do seu contexto de produção. Logo, como elencado pela historiadora Andreza Maynard (2020):

⁶ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 12.

⁷ MELLO, Ana C. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015, p. 20.

⁸ BARROS, José D’Assunção B. **Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas**. Revista Comunicação e Sociedade, n. 55, p. 175-202, jan-jun, 2011, p. 180.

Os filmes históricos nos oferecem a oportunidade de visitar um passado distante, mas também nos permite conhecer a sociedade em que a obra foi concebida. Um filme sobre a Segunda Guerra Mundial possivelmente carrega consigo as tensões do tempo em que foi produzido. E no século XXI os filmes que abordam o conflito seguem contando histórias com palavras, imagens e em alguns casos, feitos militares (MAYNARD, 2020, p. 625).

A face do exposto, a utilização dessas produções que se apresentam em uma época distante da qual o momento histórico em que ela retrata permite ao historiador usar novos recursos de análise, do mesmo modo que, reinterpretar algo que já encaram como conhecido. Assim, a escolha dessas películas no presente trabalho busca promover o aumento das discussões a partir das participações femininas apresentadas em cada produção, analisando-as de formas subjetivas quanto a contexto de produções, locais e fatos narrados, além disso, a utilização das mesmas perpassa um olhar e relato do conflito a partir de interpretações atuais deste, pautando-as assim, em vigentes demandas da política e da produção histórica.

Para mais, outro fator que corresponde a escolha destas, diz respeito a facilidade de encontrá-las em plataformas digitais, tornando o debate e a análise aqui exposta acessível ao leitor que a queira conhecer. Outrossim, esses recursos e suas problematizações – quanto a narrativas, personagens e reconstrução do momento histórico – são evidenciadas se pautando também em respaldos teóricos que versam do mesmo modo sobre as atuações, papéis, localidades e inserções dessas mulheres no esforço de guerra.

Diante dos critérios e necessidades elencadas acima, a presente monografia se subdivide em três capítulos. No primeiro, nomeado *Historiografia em debate: a produção de narrativas históricas ancoradas na História das Mulheres e nas Relações de Gênero* o objetivo é promover uma reflexão mais teórica acerca do tema, viabilizando assim, discussões e reflexões a respeito dos campos História das Mulheres e das Relações de Gênero.

A partir disso, problemáticas são elencadas no que tange a inserção desses desígnios na produção historiográfica, para mais, ancorada nos debates promovidos por historiadoras como Joan Scott, Rachel Soihet, Joana Maria Pedro e demais pesquisadores são evidenciados questionamentos sobre o porquê dessa resistência histórica de incorporação feminina enquanto objetos de análise, do mesmo jeito que, direcionamentos referentes a como tal prática deve ser empreendida na construção de narrativas. De maneira geral, esse capítulo também se faz relevante no que concerne apresentar a você, leitor, os motivos pelos quais trabalhos como esse

são necessários, entendendo essa relevância a partir de um debate historiográfico – de viés teórico – que apresente as nuances da pouca visibilidade feminina na história, como também, os meios para cada dia mais dissolvê-la.

No espelho da Segunda Guerra Mundial é o nome dado ao segundo capítulo desse trabalho. Nele, busco uma intensificação de debates sobre a Segunda Guerra Mundial enquanto o maior conflito bélico já vivenciado na História, que é permeado por diversas nuances que extenuam o caráter de uma guerra meramente política. Por isso, ele apresenta discussões acerca de um processo de repensar a guerra e suas dimensões, entendendo-a como um acontecimento que reverbera ideologias, políticas, culturas e de forma específica no texto, relações de gênero. Assim, o debate sobre a Segunda Guerra é pensado a partir do seu caráter de *Guerra Total*, bem como este acaba por influenciar na inserção feminina na conflagração. À vista disso, antes de adentrar na explanação acerca das mulheres inseridas nos espaços de trabalho na Segunda Guerra, procuro evidenciar as influências para tal participação, e como essas se pautaram diretamente dos frutos e circunstâncias da atuação feminina na Primeira Guerra.

O terceiro e último capítulo, intitulado de *As mulheres e a Segunda Guerra Mundial: atuações e representações através dos filmes de guerra* se apresenta como o mais extenso e denso capítulo do trabalho, e tal fator se revalida na variedade de problemáticas levantadas e evidenciadas por este acerca do tema, bem como, é nele que se encontra as análises e discussões acerca dos filmes selecionados. Destarte, essa divisão apresenta uma face feminina da Segunda Guerra Mundial, elencando questionamentos, debates históricos, como também, atuações e papéis desempenhados por essas mulheres no esforço de guerra, permeado por conquistas e dificuldades. Para mais – de forma a problematizar as fontes fílmicas utilizadas na pesquisa – o capítulo apresenta um debate acerca da relação História e Cinema, além de, trazer os pormenores e as possibilidades da utilização de filmes na análise histórica.

Ademais, e de forma mais específica, os filmes *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espiãs de Churchill* (2019) são discutidos de maneira individual, expondo as representações das participações femininas destacadas nessas películas, além de apresentá-las a partir de contrapontos teóricos. Além do mais, as nações em que as mulheres das películas se inserem apresentam a possibilidade de entender o conflito na visão – e mobilização – de cada país, deste jeito, o filme *O leitor* é utilizado para uma discussão do caso alemão, *As mães do Terceiro Reich* referentes ao caso francês, *A batalha de Sevastopol* abarcando o fato soviético, e por fim, *As espiãs de Churchill* elencando as ocorrências britânicas. A partir disso, de modo breve as consonâncias e dissonâncias dessas

produções, bem como, os fatos por elas narrados são vistos e debatidos a partir de um viés comparado no último tópico do capítulo.

Por fim, o presente trabalho é fruto de um interesse particular de quem o escreve de buscar através do meu papel de historiadora pluralizar os debates, os temas e os vieses da História. Em consequência, a partir do entendimento de que os filmes apesar de serem objetos e fontes históricas permeiam também uma liberdade artística, a sétima arte aqui é utilizada com base em respaldos teóricos que credibilizam ainda mais o tema. Deste jeito, convido você, leitor(a), a ler esse trabalho, assistir essas películas – como também, ler também algumas das bibliografias utilizadas – e se inserir no conflito aqui narrado, podendo de tal modo, visualizar a forma como muitas mulheres – em locais e de pontos distintos – influenciaram os rumos da história que conhecemos e vivenciamos hoje. Para mais, o(a) convido também, a decifrar comigo algumas das lacunas ainda existentes nas memórias da guerra, e que desta forma, possamos entender e difundir juntos uma história da guerra feita de mulheres e sobre mulheres.

CAPÍTULO 1

Historiografia em debate: a produção de narrativas históricas ancoradas na História das Mulheres e nas Relações de Gênero

Este capítulo promove uma observação a respeito do surgimento e das definições do campo *História das Mulheres* e das *Relações de Gênero*, problematizando a necessidade e o modo de inserção desses escopos na escrita da História. Como também, propicia a reflexão da relevância dessas perspectivas para a análise central do presente trabalho, visto que, é a partir de uma observação do processo historiográfico, dos papéis femininos e das relações de gênero que o presente estudo analisa as atuações femininas na Segunda Guerra Mundial, também, é por meio dessas discussões que esses campos ganham notoriedade e passam a serem absorvidos por diversas camadas sociais, além de serem temáticas absorvidas por narrativas literárias, e como é o caso do presente texto, integrado a narrativas fílmicas, pluralizando assim a escrita da História e seus objetos, tornando trabalhos como esse possíveis e necessários.

1.1. O fazer História para além das narrativas oficiais

Por muito tempo na História “anônimo” era uma mulher. Tal frase, foi proferida pela escritora Virgínia Woolf⁹, e hoje, é aludida com intuito de questionar o espaço das mulheres na historiografia. Questionamentos como esse, lançam para a sociedade reflexões de que narrativas do passado vem sendo construídas, bem como, irradiam no cerne das pesquisas e produções históricas a inquietação de que o domínio dessa disciplina – aquela pautada exclusivamente nos relatos oficiais dos vencedores – seja parcial. Mas, de onde advém esse silêncio de falas e relatos femininos? A quem ele pertence?

Como debatido por Michelle Perrot¹⁰ em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005) a presença de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Mas, mesmo com esse pequeno espaço conquistado, muitas zonas mudas – como caracteriza a autora – continuam a subsistir e perpetuar horizontes de silêncios. Dado que, “o silêncio é um

⁹ É considerada atualmente uma das escritoras mais importantes do século XX, bem como suas contribuições são vistas como uma das mais importantes para o romance moderno. Com uma infinidade de escritos publicados (nove romances e mais de 30 livros de outros gêneros) Woolf se consagrou como uma das escritoras mais influentes da literatura mundial, tomando para si o posto da autora que mais revolucionou a narrativa no século XX, como também, marcou-se pela defesa dos direitos das mulheres através de seus textos. Para saber mais: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/25/cultura/1516835051_025456.html.

¹⁰ Historiadora francesa e professora emérita de História Contemporânea da Universidade Paris VII. Perrot, é uma das grandes referências quando o assunto é História das Mulheres. Desse modo, escreveu sobre o tema as seguintes obras: “Minha História das Mulheres”, “Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros”, “As mulheres ou os silêncios da história” e “História das Mulheres no Ocidente”, o último tendo sido escrito conjuntamente com o historiador Georges Duby.

mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”¹¹, e uma simples reflexão acerca de quem controla esses espaços, nos permite entender que o processo de vivências e escritas femininas é permeado por uma dominação masculina¹² totalizante e universalizante¹³ – que reverbera o passado e assume novas faces até os dias atuais.

Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária¹⁴. Essas normativas levantadas por Perrot, objetivam desde os primórdios passar o ser mulher em sociedade, seja no âmbito público ou privado, modelando as atuações que essas devem exercer no lar, construindo espaços e normas no seu cotidiano, e reverberando também a construção parcial do potencial dessas mulheres enquanto sujeitos históricos ativos, uma vez que, havendo esse controle de poder, tão pouco dos feitos dessas mulheres se inserem nos documentos oficiais. Mas, isso não condiz com uma passividade feminina diante as injunções, apenas diz respeito a administração do poder exercida pelos “grandes homens” que controlam esses espaços e produzem a História. Sendo assim, “as mulheres não são nem passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história”¹⁵. Porquanto, esse processo de construção de narrativas, como discutido pela internacionalista Danielle Nascimento (2021) é perpetuado em combinações sexistas, classistas e raciais, havendo

¹¹ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 9.

¹² Nas palavras de Pierre Bourdieu, em seu livro *A dominação Masculina* (1997): “Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1997, p. 3). Sendo assim, [...] aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a família, a igreja, a escola, e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo [...] e reinserir na história é, portanto, devolver a ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 2).

¹³ De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa, o termo totalizante atribui um caráter total a dados aspectos, circunstâncias e ideias, bem como, o termo universalizante deriva do verbo universalizar, que na aplicabilidade, torna-se (ou torna algo) universal, o generaliza. No presente trabalho, uso tais termos de forma a me opor às práticas e relatos históricos que narram os fatos e os personagens de forma generalizante, atribuindo a suas ações interpretações totais e rasas de pluralidade. Dessa maneira, como debatido por Ana Beatriz Mangabeira (2019): “Entende-se que a ciência moderna nada tem de universal, pois desde o seu nascimento exclui e omite conhecimentos dos povos que foram colonizados” (MANGUEIRA, Ana Beatriz. **A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e acadêmico brasileiro: desafios e perspectivas**. XVII Congresso Internacional da América Latina. Foz do Iguaçu, 2019, p. 5) ou subalternizados.

¹⁴ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. EDUSC, Bauru – São Paulo, 2005, p. 10.

¹⁵ **IDEM**, p. 152.

[...] indicações de que, sob o véu da neutralidade e universalidade do pensamento científico, ocorra, com efeito, a supervalorização dos pensamentos produzidos por e para homens brancos, originários dos grandes conjuntos/centros de produção e de uma estreita parcela da "elite intelectual". Esse fundamento parte das configurações estabelecidas e constantemente fortalecidas de que a essa parcela da sociedade cabe a construção e a validação dos saberes e do conhecimento, no qual se determina que os fatos cientificamente comprovados por incansáveis experimentos e pesquisas devem ocupar o topo da pirâmide de relevância. Nesses mesmos moldes, entende-se que é essa mesma população que ocupa a imensa maioria das instâncias de poder da sociedade, seja no âmbito nacional ou internacional (NASCIMENTO, 2021, p. 21).

Partindo desse entendimento, para que haja uma reescrita dessa História, faz-se necessário entendermos o que se define enquanto História das Mulheres, tal qual, o contexto de inserção dessa categoria nos debates cotidianos e nos espaços acadêmicos produtores de conhecimento. No que concerne a definição, esse escopo denominado *História das Mulheres* vai se consolidar como um campo de estudo que objetiva resgatar a participação feminina ao longo do tempo, contradizendo a visão de uma História unicamente masculina, já que houve (há – mesmo que em menores escalas) um extenso silêncio na historiografia quando se trata das mulheres.

Para a historiadora Rachel Soihet, vale frisar que este termo foi proposto por historiadoras que acreditavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina, pois, acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente, implicando não apenas "uma nova história das mulheres, mas em uma nova História."¹⁶ Para mais, segundo Joana Maria Pedro¹⁷, tal panorama deve ser levado em consideração observando a história das mulheres como tendo sido decorrente de um movimento recíproco: de um lado, da atuação das historiadoras preocupadas com esta questão, e de outro, do movimento feminista, ocorrido a partir dos anos 60. Visto que, mesmo havendo uma distinção estrutural e conceitual entre os termos *feminismo* e *história das mulheres*, ambos atuam nesse processo de construção de debates como aliados, e a vertente que engloba as

¹⁶ SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate**. IN: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 96.

¹⁷ PEDRO, Joana M. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, v. 12, n. 22, jan-jun, p. 270-283, 2011, p. 92).

mulheres enquanto sujeitos históricos participativos muito absorveu/absorve do feminismo e suas pautas.

Consonante a emergência da mulher enquanto objeto de estudo historiográfico, devemos pensar esse acontecimento ligado a dois marcos, sendo eles, a eclosão da *Segunda Onda feminista* (1960) e o surgimento da vertente historiográfica *Nova História* (1978), ligada intimamente à *Escola dos Annales*.

No que está relacionado ao termo Nova História, ele surge a partir de trabalhos teóricos e metodológicos ligados aos historiadores que consolidaram o que conhecemos hoje como o grupo ou *Escola dos Annales*¹⁸. Para Júlia Silveira Matos (2010) tal vocábulo foi inserido na historiografia por volta do ano de 1978, e essa tendência teórica, foi criada, de acordo com Peter Burke¹⁹ para “promover uma nova espécie de História”²⁰. Nas palavras de Jacques Le Goff²¹, os historiadores ligados a esse movimento teórico-historiográfico procuraram construir “uma história do poder sob todos os seus aspectos, nem todos políticos, uma história que incluía notadamente o simbólico e o imaginário”²². Para que, esse campo, também conhecido como terceira geração dos Annales se consolidasse pautado no diálogo e interdisciplinaridade com os mais variados campos da ciência, sendo eles, a antropologia, sociologia, filosofia, psicologia, geografia e dentre tantas outras, para que assim, o leque de fonte, objetos de pesquisa e estudos fossem ampliados²³.

Isto posto, o surgimento de uma “nova história” acaba por desenvolver e intensificar novos campos como o da História Social, História Cultural e das Mentalidades, reforçando assim, a inserção de discursos e sujeitos que até então se prostavam à margem das narrativas e do saber histórico. Por conseguinte, esse espaço assumido por essas novas vertentes pluraliza os objetos de investigação histórica, alçando as mulheres à condição de indivíduos permeados de historicidade. Dessa maneira, as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo – a partir de fins da década de 1960 – tiveram papel decisivo no processo em que as

¹⁸ Movimento historiográfico do século XX que se destacou por promover alterações no modo de se pensar, narrar e escrever a História.

¹⁹ Historiador inglês considerado um dos maiores especialistas na Idade Moderna europeia.

²⁰ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, p. 11.

²¹ Foi um renomado historiador francês que se destacou nos estudos referentes a Idade Média, como também, foi um dos percussores da terceira geração dos Annales, ligado aos estudos e debates acerca da História das Mentalidades.

²² LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 8.

²³ MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates: da Escola dos Annales à História Nova**. Revista Historiæ, Rio Grande, 2010, p. 114.

mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres”²⁴.

No que tange a segunda onda²⁵ do feminismo, essa se apresenta como uma adjacência da primeira, devido ao fato das mulheres ainda continuarem lutando por espaço e direitos. Mas, nesse segundo momento, para além dessas demandas dos direitos políticos das mulheres, elas se prostaram preocupadas também com a igualdade entre os sexos nos meios públicos e privados. Como debatido por Ana Paula Antunes Martins no artigo *O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade* (2015), durante a segunda metade do século XX podemos observar que:

[...] A partir de quando se identifica o surgimento da segunda onda do feminismo, o movimento incorpora pautas culturais, desta vez relacionadas ao questionamento dos padrões sociais que atribuem a homens e a mulheres papéis específicos nas relações afetivas, na vida política e no trabalho, o que estaria na base da preservação de desigualdades. Nesse momento, em que direitos políticos e civis já estavam em processo de consolidação em diversos países ocidentais, estabeleceram-se os alicerces de uma teoria feminista, destinada a compreender as origens e as causas das desigualdades entre os sexos (MARTINS, 2015, p. 234).

Nesse processo, atribuiu-se uma dimensão política ao problema da opressão feminina²⁶, sintetizado pelas feministas dos anos 60 pelo slogan “o pessoal é político”²⁷, criado pela jornalista e ativista Carol Hanisch²⁸. É a partir deste emblema que o feminismo passa a adquirir

²⁴ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p. 286.

²⁵ Ao falar das ondas do feminismo, de acordo com Soihet (1997): “Convém sublinhar que pensar o feminismo a partir de diferentes ondas reforça a ideia da existência de centros irradiadores e suas margens; é como se uma pedra tivesse sido atirada na água, formando várias ondas. Elas vão se abrindo e apontando para a circulação de discursos e teorias que partem de um centro produtor – em geral, países considerados desenvolvidos do hemisfério norte – e se dirigem para o hemisfério sul, localização principal dos países considerados subdesenvolvidos” (1997, p. 271). Ainda nesse viés discursivo, a renomada escritora bell hooks em seu livro *Teoria Feminista: da Margem ao Centro* (1959) discute o feminismo, suas ondas e pautas partindo do entendimento de uma pluralidade que abarca tanto centros produtores e irradiadores de discursos, como também, regiões periféricas e suas demandas. Sendo assim, na obra, a autora chama a atenção para a necessidade de incluir mulheres dos centros e das margens nas fontes, discussões e teorias feministas.

²⁶ MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. Revista Café com Sociologia. Vol. 4, nº 1. Jan. – abr, 2015, p. 234.

²⁷ Para Martins (2015, p. 234) “esse foi um dos emblemas mais importantes do feminismo na segunda metade do século XX, segundo o qual a sexualidade perde seu domínio eminentemente privado e passa a ser compreendida como uma relação de poder entre os sexos. A sexualidade teria, a partir de então, essência política, sendo constitutiva da ordem patriarcal. Logo, se há, a partir de então, um lugar de onde emana a condição unificada das mulheres, esse lugar é o universo da sexualidade e da intimidade, o espaço da vida privada.”

²⁸ Jornalista e ativista do feminismo radical estadunidense nascida em 1942, com destaque mundial pela criação do lema “*o pessoal é político*”, bem como, pela fundação do grupo *New York Radical Woman* (*Mulheres Radicais de Nova York*). Além disso, sua trajetória política se marca também por atuações contra o racismo, imperialismo e diversas outras formas de segregação e exploração.

para além de um movimento político, social, econômico e cultural um viés teórico capaz de difundir-lo para centros de pesquisa e produção acadêmica, já que, a partir da sua teorização o mesmo passa a englobar os critérios necessários para ser apropriado como objeto de estudos para diversas áreas do conhecimento, principalmente para os campos das Ciências Humanas e Sociais. Para mais, a apropriação dessa temática nos estudos acadêmicos reverbera também a inserção das mulheres nas Universidades, tendo isso sido proveniente das pautas do movimento feminista englobadas a demandas de entidades e organizações nos anos 60, deste ano em diante, os títulos de graduação e pós-graduação passaram a ser cada vez mais concedidos as mulheres. E esse ingresso – principalmente aos cursos de humanidades – sobretudo em História, como discentes e docentes, nas palavras de Irene Vaquinhos (2019) afigura-se:

[...] Decisivo para o aumento da produção científica sobre a história das mulheres e para a própria acreditação dessa área de estudos, não só pelo facto de serem as mulheres as principais produtoras dessa área temática, a qual implica, de um modo consciente ou inconsciente, explícito ou negado, alguma cumplicidade entre o objeto de pesquisa e o sujeito investigador, mas também por constituir um fator de pressão na produção historiográfica, incentivando pesquisas, a procura de novas tipologias de fontes ou a revisitação das tradicionais, assim como a abertura a problemáticas pouco ou nada exploradas (VAQUINHAS, 2019, p. 102 e 103).

Essa inserção, acaba por contribuir para o desenvolvimento de pesquisas que abarcam a temática da História das Mulheres e das Relações de Gênero no Ensino Básico e principalmente no Ensino Superior. Sendo assim, a chegada das mulheres à disciplina faz também parte da história da história das mulheres”²⁹, por conseguinte, as mulheres se tornam produtoras de saber e seus próprios objetos de análise, constituindo assim, uma história das mulheres escrita por mulheres.

No que concerne a isso, para as historiadoras Joana Maria Pedro³⁰ e Rachel Soihet³¹ (2007) “falar de Mulher na história significava então, tentar reparar em parte essa exclusão, uma vez que procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era tarefa difícil.” Ainda nesse debate, elas acrescentam que se busca refletir sobre a

²⁹ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p. 282.

³⁰ Historiadora e Doutora em História Social. Além de pesquisadora do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC). Pesquisa os seguintes temas: Gênero, feminismo, Ditaduras no Cone Sul; História das mulheres no Brasil.

³¹ Historiadora e Doutora em História Social. Atualmente é professora titular da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Gênero História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: relações de gênero, mulheres, história das mulheres e feminismo.

historicidade de nossas categorias de análise, e, ao mesmo tempo, mostrar que já não se trata de reparar uma exclusão. O que precisamos é buscar formas mais eficientes de fornecer legitimidade ao que temos feito, ou seja, a constituição de um novo campo de estudos, intitulado “História das Mulheres e das Relações de Gênero”.³²

1.2. História das Mulheres e as Relações de Gênero

Como observado no tópico anterior, a eclosão da Segunda Onda feminista (1960) e o desenvolvimento da vertente historiográfica Nova História (1978) impulsionaram pesquisadores – principalmente das Humanidades e Sociais Aplicadas – a incorporar as mulheres enquanto objeto de estudo, porém, a partir dos anos 80 mais uma esfera de análise se lança como instrumento de estudo, sendo ela, a categoria Gênero. Tal escopo – preferencialmente atrelado aos estudos históricos – passou a ser debatido com mais ênfase a partir do lançamento em 1991 do artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, da historiadora Joan Scott³³, nele, a autora expõe que o termo parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava então, uma rejeição ao determinismo biológico³⁴ implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.³⁵

Nesse contexto, surgem também os questionamentos acerca das consonâncias e dissonâncias entre o campo da História das Mulheres em contrapartida aos estudos de Gênero, mas, de acordo com Scott, mesmo que não se deva visualizar ambos como um único campo, é necessário o reconhecimento de uma ligação indispensável entre as duas vertentes, de forma que, hoje, ao se utilizar das análises acerca da história das mulheres, se almeja em paralelo as

³² SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p. 282.

³³ Renomada historiadora norte-americana que desde 1980 passou a ser uma referência em pesquisas voltadas à História das Mulheres a partir da perspectiva de Gênero.

³⁴ Nessa perspectiva de crítica ao determinismo biológico atrelado aos estudos acerca das mulheres e das relações de poder, podemos citar como referência o volume I (*Fatos e Mitos*) e II (*A Experiência Vívica*) da obra *O Segundo Sexo* (1949) escrito pela afamada escritora, filósofa e intelectual Simone de Beauvoir. No volume II, a autora já apresenta o seu posicionamento contrário a esse determinismo a iniciar o livro com a frase “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”. Além disso, a mesma expõe que: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto [...] que qualificam de feminino (BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3. Ed, 2016, p.11). Ademais, Joana Maria Pedro (2005) afirma que: “[...] os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constataavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura” (PEDRO, Joana. M. **Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica**. Revista História. São Paulo, UNESP, 2005, vol 24(1), p 78).

³⁵ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 15, n. 2, p. 71-97, jul./dez. 1995, p. 2.

problematizações das relações de gênero presentes nesses cenários. Nessa conformidade, se na trajetória da história das mulheres se busca reviver vivências, narrativas, atuações e personagens do passado, o estudo do gênero busca problematizar como dentro desses processos hierarquias se consolidaram e como o patriarcado as reverbera, tal qual, como esses aspectos eram contestados ou legitimados. Sendo assim, para Joana Maria Pedro³⁶ “o uso da categoria de análise “gênero” na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões e os acontecimentos foram produtores do gênero” e frutos de uma violência simbólica.³⁷

Por conseguinte, de forma a conceituar a categoria de Gênero, Joan Scott (1991) declara que a questão da diferença sexual não se dá apenas pelo caráter biológico (determinado pela natureza), mas se constitui no social, cultural e politicamente, perpassando e marcando a História por relações de poder, consequentemente:

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (SCOTT, 1991, p.23).

E é a partir dessas decodificações e reestruturações do pensar e reescrever as narrativas trazendo a voz das mulheres que até então se mantinham (ou eram mantidas) silenciadas, que devemos observar como entrar para História é uma ação disputada que reverbera prestígio,

³⁶ PEDRO, Joana. M. **Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica.** Revista História. São Paulo, UNESP, 2005, vol 24(1), p 88.

³⁷ Baseada nas ideias defendidas pelo historiador francês Roger Chartier no texto *Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica* (1995), a historiadora Rachel Soihet no artigo *Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas* (1997), expõe que: “Tais teorias construídas e instauradas por homens que estabelecem um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, configuram uma forma de violência [...] Nesta perspectiva, a violência não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente, de uma normatização na cultura, da discriminação e submissão feminina (SOIHET, Rachel. **Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas.** In: Revista Estudos Feministas, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997, p. 4). Como também, “Um objeto maior da história das mulheres, neste momento, consiste no estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que buscariam garantir o consentimento feminino às representações dominantes da diferença entre os sexos: a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública etc. Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação - que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída - é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal (SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate.** IN: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 4-5).

dessa maneira, é necessário na sua escrita permear a atenção e os questionamentos constantes, observando as problemáticas que são levantadas nos estudos desse campo. Pois, “temos que examinar atentamente os nossos métodos de análise, clarificar as nossas hipóteses operativas e explicar como pensamos que a mudança se dá”³⁸ para que ela realmente seja possível e, por meio disso:

Devemos também nos perguntar não só o que é que está em jogo nas proclamações ou nos debates que invocam o gênero para justificar ou explicar suas posições, mas também como percepções implícitas de gênero são invocadas ou reativadas, por exemplo, como se dá leis sobre as mulheres e o poder do Estado? [...] mulheres são invisíveis como sujeitos históricos? [...] elas participaram dos grandes e pequenos eventos da história humana? [...] Como as instituições sociais têm incorporado o gênero nos seus pressupostos e na sua organização? [...] assim, a exploração dessas perguntas fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas a velhas questões (SCOTT, 1995, p. 28-29).

Ademais, para que essas novas faces historiográficas surjam – principalmente a luz das relações de gênero – se faz necessário transformar os paradigmas nas estruturas das áreas de conhecimento, nos ramos de pesquisas e nos seios de disciplinas. Em busca de vencer o desafio teórico que inibe esse campo, e pensá-lo, a partir de uma ligação de passado e presente, como uma área que almeja não apenas uma reparação de demandas do passado, mas que atua – primordialmente – voltada para práticas históricas atuais, reverberando e se apropriando de demandas do que na historiografia – desde o século XX – se conhece como História do Tempo Presente³⁹. Sendo assim, a forma como essa nova história inclui e apresenta a experiência e as

³⁸ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 15, n. 2, p. 71-97, jul./dez. 1995, p. 20.

³⁹ Na perspectiva de Bédarida (2002) a História do Tempo Presente: “é feita de moradas provisórias” (BÉDARIDA, François. **Tempo presente e presença da história**. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 5.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, p.221). Dessa maneira, como discutem Lucilia Delgado e Marieta Ferreira no artigo *História do tempo presente e ensino de História* (2013), “a noção de história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório que sofre alterações ao longo do tempo. Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções. Outra singularidade do tempo presente é a valorização do evento, da contingência e da aceleração da história. O trabalho do historiador enfrenta também aí dificuldades, porque ele mesmo é também testemunha e ator de seu tempo e, muitas vezes, está envolvido nesse movimento de aceleração que o faz supervalorizar os eventos do tempo presente, especialmente porque os séculos XX e XXI têm sido mais ricos em grandes mudanças do que nos fenômenos de longa duração que necessitam de maior recuo. Por sua vez, essa singularidade de objeto deve nos alertar para a necessidade de buscar métodos e temáticas também específicos, como, por exemplo, a importância das cronologias antes das análises de conteúdo; a valorização dos períodos de ruptura e dos eventos políticos, a utilização das fontes orais e a busca de interdisciplinaridade” (DELGADO, Lucilia A. N; FERREIRA, Marieta de M. **História do tempo presente e ensino de história**. Revista História Hoje, v. 2, n° 4, 2013, p. 23).

narrativas dessas mulheres⁴⁰ sobrevivem da visualização do gênero enquanto categoria de análise contemporânea.

Partindo do entendimento e também das reivindicações dos âmbitos da história das mulheres e das relações de gênero, alguns trabalhos historiográficos têm cada vez mais – mesmo em pequenas escalas se comparado a outras temáticas – integrando em seus problemas de pesquisa e discussões essas questões transversais, tornando mais rica e completa a escrita da História. Mas, essa fertilidade de estudos na atualidade, se contrapõe ao processo de ascensão dessas categorias de análise, visto que, as mesmas se depararam com difíceis trajetórias – e aceitabilidade – no campo historiográfico. Uma vez que, nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, pois, a trajetória, costumeiramente “cautelosa” dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardaram significativamente o avanço das discussões. Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’.⁴¹

Por fim, a partir dessas contribuições devemos repensar que pesquisa histórica estamos realizando, pois, como profissionais desse campo responsáveis pelas análises e escritas de narrativas, devemos incorporar nesse processo “práticas que ensejam a divisão sexual do trabalho, dos espaços, das formas de sociabilidade, bem como a maneira como a escola, os jornais, a literatura, enfim, os diferentes meios de comunicação e divulgação constituem as diferenças reforçando e instituindo os gêneros, estamos escrevendo uma história que questiona as “verdades” sedimentadas, contribuindo para uma existência menos excludente”⁴². Para que assim, as mulheres passem a fazer cada vez mais parte dos livros, biografias, filmes e imaginários da História. E desse modo, como objetiva a presente monografia, é dessa inserção

⁴⁰ Ao utilizar o termo *mulheres* para relacionar as histórias, vivências e lutas de um grupo, não convém interpretar esse escopo como permeado por singularidades e homogeneidades do “ser mulher”, mas visualizá-lo como um espaço/grupo que se marca pela pluralidade – e interseccionalidade – no que condiz ao se reconhecer e ser mulher em sociedade. Consequentemente, o presente trabalho partilha da ideia de fragmentação de uma ideia “universal de mulheres”, e as entende permeadas por diferenças de raça, sexualidade, classe, e também, diferentes vivências e demandas políticas, econômicas e sociais. Visto que, “mulher” – enquanto vocábulo – “é uma categoria heterogênea [...] e aceitar a instabilidade semântica da ‘mulher’ significa o que já é evidente para o feminismo: “que a história e o significado de uma categoria devem ser entendidos à luz das histórias e significados das outras categorias de identidade (classe, raça, etnia, sexualidade, nacionalidade etc.)” (SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007, p. 295-296).

⁴¹ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007, p. 284.

⁴² PEDRO, Joana. M. **Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica**. Revista História. São Paulo, UNESP, 2005, vol 24(1), p. 90.

e debate acerca das atuações e representações femininas na historiografia – e aqui em específico, da Segunda Guerra Mundial – que se torna possível ler, ouvir e assistir sobre seus feitos, e no que tange a escrita da História, tais produções são apropriadas e problematizadas para darem espaço e narrativas a essas personagens.

CAPÍTULO 2

No espelho da Segunda Guerra Mundial

Este capítulo viabiliza uma discussão acerca da Segunda Guerra Mundial e suas nuances. Desse modo, o mesmo caracteriza a guerra para além de uma estrutura puramente política, como também, discute a respeito do conceito de *Guerra Total*. Para mais, ancorado no entendimento e aplicabilidade desse termo é apresentada uma contextualização da inserção feminina na guerra a partir da Primeira Guerra Mundial, e como a mesma acabou por influenciar – em maiores escalas – a mobilização de mulheres no esforço da Segunda Guerra. Nesse capítulo, o debate no que toca a guerra e suas dimensões se faz necessário para que esse escopo se entenda como plural e permeado também por questões políticas e fronteiras de gênero, de modo que, a problematização dos filmes de guerra selecionados para análise na próxima seção seja realizada a partir do entendimento das variadas dimensões desse conflito.

2.1. Repensando a Guerra e suas dimensões

Que as guerras não são algo novo na história não é nenhuma inovação para a contemporaneidade, mas é importante a reflexão sobre as formas em que as guerras se consolidam ou se impõem em diversos cenários e épocas da História.

Se for feita uma análise, a trajetória do homem em sociedade perpassa conflitos armados, pois desde a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C), seguida das Guerras Púnicas (264-146 a.C), das Conquistas Barbáras (406-476 a.C), das Cruzadas na Idade Média (Séc. XI-XIII), como também, das Conquistas Mongóis (Séc. XIII-XV), da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), das Guerras Napoleônicas (1798-1815), além da Guerra de Secessão (1861-1865), da Guerra do Paraguai (1864-1870), da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), passando também, pelas Guerras na Indochina (1946-1954), pela Guerra Árabe-Israelense (1948), a Guerra no Golfo (1990-1991) etc, e por último e não menos importante, a Guerra entre Rússia e Ucrânia (2022-atual) todas transpassam a vida do homem no decorrer da história. Ademais, todas estas são transpostas por subjetividades em suas estruturas, objetivos e impactos, mas que se permeiam em consonâncias pelo jogo das estratégias, diplomacias, disputas de território, defesas de interesses e demais nuances envoltas no espelho da guerra.

Além dos pontos em comum elencados dos conflitos citados acima, outra característica que os assemelha diz respeito as alterações empreendidas pelas guerras na trajetória da humanidade. Vale ressaltar, que tais mudanças – dependendo de quem as julga, dos seus

impactos ou do seu tempo – podem ser entendidas como benéficas ou não. Ainda assim, como não compete ao historiador⁴³ na sua escrita julgar pesos e medidas – salvo a devidas proporções – o presente trabalho dissertará acerca do caráter da guerra (de forma específica da Segunda Guerra Mundial) entendendo-a a partir da concepção da história da guerra ser também uma história de políticas, de indivíduos, de ideias e de subjetividades. Além de conceber a escrita desse assunto pautada em discussões atuais, visto que:

Nesse embate entre a tradição e a inovação, é preciso observar que a transgressão é necessária. Funciona como uma espécie de ferramenta para colocar em movimento algo diferente. A transgressão institui o diferente e se choca com o pensamento conservador. Por sua vez, escrever história é também transgredir e, ao mesmo modo, reconhecer os limites da memória (MAYNARD, 2013, p. 163).

Assim, pode-se entender que a pesquisa e a escrita historiográfica se apresentam em constante movimento, destarte, o historiador não tem mais imagens estáticas para se fixar⁴⁴, porém, mesmo ao entender os limites da memória e suas tradições, a mesma também usa de artifícios para se inserir nos relatos de tempos em tempos, visto que, “a memória não é somente construção, mas, reconstrução, através da duração que separa o momento rememorado do momento relato”⁴⁵.

Ao se pensar em Guerras, variadas são as interpretações, tradições e significados aplicados a essa palavra. De acordo com o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (Michaelis)⁴⁶ por exemplo, o termo significa: “Luta armada entre nações ou entre partidos, um conflito armado entre povos ou etnias diferentes, buscando impor algo pela força e pela violência, com o objetivo de proteger seus próprios interesses.”⁴⁷ Mas, a guerra é atroz? Dependendo de como a mesma se desenrolar, pode ser atroz, sem dúvida, principalmente na

⁴³ De acordo com a historiadora Júlia Silveira Matos, no artigo *Os ideais de subjetividade e objetividade na história: o paradigma da verdade*: É inegável que o historiador é parte da história construída. Entretanto, é preciso atentarmos para o fato que existem dois tipos de subjetividade, a primeira é boa e a segunda é má. A boa subjetividade é aquela que provém da essência do conhecimento como relação subjetivo-objetiva e do papel ativo do sujeito na produção desse conhecimento. A má é a subjetividade deformante do objeto que é inserida por interesses particulares e parciais (MATOS, p.1)” Sendo assim, diante desses pontos elencados “a objetividade histórica seria a distância entre a subjetividade boa e a má e não a eliminação total da subjetividade, pois a história não é uma ciência objetiva, e isso não é novidade, ela possui uma intenção científica, ou seja, um compromisso ético com a objetividade e com a verdade, assim em história “a definição de objetividade tornou-se ética (RICOEUR, 1955:34);(MATOS, p.1)”.

⁴⁴ MAYNARD, Dilton. **Histórias em horas extremas: anotações sobre o tempo presente**. Visões do Mundo Contemporâneo – Vol II/ Org. Dilton Cândido Santos Maynard & Andreza Santos Cruz Maynard. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 163.

⁴⁵ FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétarr, Philippe. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 109.

⁴⁶ **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis**. Editora Melhoramentos, 1ª Ed, 2004, 2268p.

⁴⁷ Definição disponível em: <https://www.dicio.com.br/guerra/>.

perspectiva das vítimas que sobrevivem para narrar os fatos⁴⁸. A guerra é cultural? Se entendida/comparada a quantidade de desencadeamentos dela na trajetória humana por muitos pode ser interpretada com essa conotação, devida a tamanhas “repetições”⁴⁹. Além disso, a guerra é história? Sem sombra de dúvidas, a mesma e todos os seus impactos marcam a humanidade. Mas, entre as mais variadas conotações que lhes é empregada, algo que converge em todas as opiniões é a extensa e variada literatura histórica e teórica sobre o tema, o que o insere em um dos temas/termos mais debatidos historiograficamente e em demais áreas do conhecimento.

Tais produções – seja de cunho literário, ou na atualidade de fotografias, filmes, jogos etc. – remontam as mais variadas sociedades e épocas. No que concerne debater a guerra, a suas estruturas e tradições, variadas são as produções e teorias existentes, mas uma obra que se marca relevante – mesmo com o passar do tempo – narra e exemplifica o pensamento estratégico, os negócios, a política, as tropas e as demais esferas que compõem a arte de desenvolvimento de conflitos. Este livro, de título *A arte da guerra*, cuja origem retrocede séculos na história, foi escrito pelo general Sun Tzu possivelmente entre os anos 320 e 400 a.C na China. Tal obra, considerada até hoje um clássico de estratégia militar que inspirou diversos “conquistadores” e comandantes pelo mundo, passou por muitas alterações do texto original, devido a tamanhas traduções e comentários, mas a primeira versão para o ocidente se deu através do padre jesuíta francês Joseph-Marie Amiot – que de forma direta ou indireta pode ter apresentado comparações do ponto de vista europeu para o livro⁵⁰.

Ademais, essa teoria da guerra debatida na obra citada é definida por Sun Tzu como essencial para o estudo e entendimento de conflitos, de modo que, para ele debater os elementos

⁴⁸ Essa narrativa acerca da perspectiva das vítimas gera muito debate e reflexão. Um deles se concentra nas discussões referentes aos sobreviventes do Holocausto (na Segunda Guerra Mundial), por este, entre muitos outros genocídios da História, ter se marcado por tamanha atrocidade e saldo de mortos. Nesse prisma, o Primo Levi (escritor italiano e sobrevivente do Holocausto) escreveu: “Nós, que sobrevivemos aos Campos, não somos verdadeiras testemunhas. Essa é uma ideia incômoda que passei aos poucos a aceitar, ao ler o que os outros sobreviventes escreveram – inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós, sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras” (LEVI, Primo. In: *A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*. Hobsbawm, Eric. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 11). Tal trecho, promove uma reflexão no que tange a pensar as atrocidades vividas pelas vítimas desse evento, como também, os traumas que guerras como essa podem perpetuar.

⁴⁹ Nessa óptica, o historiador britânico e especialista em conflitos bélicos John Keegan na obra *Uma história da guerra* (1996, p. 28) define a mesma como sendo “sempre uma expressão de cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura”. Dessa maneira, o autor entende a guerra como um fenômeno cultural e total, que expressa formas de pensar, produzir e absorver de uma ou mais sociedades, sendo assim, ela se apresenta como sendo um espelho da época e do espaço.

⁵⁰ TZU, Sun. *A arte da guerra*. In: apresentação. 2019, p. 9.

da guerra é de extrema relevância para o Estado, portanto, esse campo deve ser visualizado como um objeto de análise que em nenhuma circunstância deve ser negligenciado. Consequentemente, através dessa ideia elencada por Sun Tzu, a guerra é enquadrada como objeto suscetível as mais variadas análises, dessa forma, nesse trabalho ela é incorporada como objeto histórico.

Isto posto, outro nome lembrado ao pensar nessa teoria militar e estrutural da guerra é Car von Clausewitz (um antigo general prussiano) que ganhou destaque pela publicação do livro *Da guerra*, em 1831. Para Clausewitz, a “arte da guerra” é visualizada como um fenômeno total, político e militar, amparado pela mobilização de todos os recursos nacionais. Como exposto pelo historiador brasileiro Francisco Carlos Teixeira da Silva no livro *Por que a guerra? (2018)*, Can Von Clausewitz⁵¹:

Levou o estudo dos conflitos à sua maior sofisticação teórica com *Da Guerra*, conseguindo, por meio de alguns simples e permanentes teoremas e abstrações, resumo os princípios centrais da guerra. Mas, sem dúvida, a grande e ousada contribuição do autor foi retirar a guerra do reino do mundo mágico e passar a entendê-la como um fato político, outra forma de agir político e com a mesma racionalidade – muitas vezes falha – da política (SILVA, 2018, p.5)

Dessarte, o quadro teórico de Clausewitz se inscreve e é facilmente possível de ser apropriado para pensar e analisar as grandes guerras ocorridas no século XX – Primeira e Segunda Guerra Mundial. Pensando estas (no plano da arte e técnica militar), conduzidas por ruínas e destruição.

Contudo, as dimensões e especificidades empreendidas por esses conflitos mundiais geraram nos debates filosóficos e históricos indagações no que se refere os estudos das guerras, ampliando essa esfera para campos além da política, e entendendo a mesma também a partir de prismas sociais, econômicos e culturais, nos dias de hoje, esses mesmos conflitos ainda abrem margem para diversas problematizações quanto as suas estruturas, sendo analisados atualmente nas humanidades também pelas óticas de relações étnico-raciais, de gênero dentre outras. Cabendo entendê-las, dentro de particularidades, pois, as existências e narrativas das guerras devem ser entendidas a partir das alteridades desses acontecimentos, visto que, cada guerra é um fenômeno subjetivo e singular. No presente trabalho, as alteridades analisadas caberão ao maior e mais mortífero conflito bélico já existente: a Segunda Guerra Mundial.

⁵¹ SILVA, Francisco C. T; SCHURSTER, Karl (Org). **Apresentação**. In: *Porque a guerra?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª Ed, 2018, p.5.

2.2. A Segunda Guerra Mundial e o caráter de Guerra Total

Como debatido anteriormente, as guerras se encontram presente nas narrativas históricas há séculos. Em específico, ao se tratar do século XX, não há compreensão que não perpassasse a lógica da guerra, e isso se deve por este ter vivenciado dois conflitos mundiais de proporções totais. O século XX, ou como melhor descreve o historiador Eric Hobsbawm (1995), o *Breve Século XX*, foi marcado por essas conflagrações, uma vez que, “ele viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra de 31 anos.”⁵²

Uma guerra de “31 anos”, em razão de a Primeira Guerra não havia resolvido os problemas que a geraram⁵³ e acabou por impulsionar ideologias e disputas percussoras da guerra que a seguiria, já que, o intervalo entre os dois conflitos não passou de uma “trégua”. Tal ponto, é discutido pelo historiador brasileiro José Jobson Arruda, para ele:

A Grande Guerra nada mais fez do que preparar a Segunda Guerra Mundial. O comportamento das nações vencedoras foi revanchista [...] os vencidos, desgastados pela guerra e sobrecarregados com seus compromissos financeiros para com os vencedores (indenizações e reparações), viram crescer seus problemas econômicos e sociais. Na Itália e Alemanha, o descontentamento da população deu oportunidade ao surgimento de partidos totalitários – fascista e nazista – culminando na implementação de Estados militares e expansionistas, com forte apelo nacionalista.” (ARRUDA, 1991, p. 326).

Nesse mesmo prisma, Hobsbawm definia que a “paz” significava “antes de 1914”⁵⁴, pois, de 1939 à 1945 eclodiria a Segunda Guerra Mundial, que por sua mobilização e crueldade, foi única na história.⁵⁵ Sendo assim, desencadeadas em esferas locais, regionais ou globais, as guerras do século XX se sucederam numa escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes.

Essa escala é tão ampla, que os impactos econômicos, políticos, militares, culturais e sociais desses conflitos são estudados e fornecem base para discussões até hoje, principalmente tratando da Segunda Guerra, de modo que, desde o final da década de 1940 esse tema – em sua

⁵² HOBBSBAWM, Eric. **A era da guerra total**. In: A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 30.

⁵³ **IDEM**.

⁵⁴ PEDRO, Tota. **Segunda Guerra Mundial**. In: História das Guerras. Org. Demétrio Magnoli. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 358.

⁵⁵ **IDEM**, p. 356.

amplitude e diversidade – é apropriado pela História, pela Ciência Política e pelas humanidades e sociais no geral, que a partir disso, desenvolveram/desenvolvem diversas produções e pesquisas memorialísticas, acadêmicas e até comerciais a respeito desse período.⁵⁶ Mas, a Segunda Guerra se apresenta como um conflito militar internacional que de acordo com o historiador e professor brasileiro Wilson de Oliveira Neto, baseado nas discussões do historiador britânico Antony Beevor no livro *A Segunda Guerra Mundial* (2012):

Ocorrido entre os anos de 1939 e 1945, que iniciou com a invasão alemã na Polônia, em 1º de setembro, e encerrou com a rendição incondicional do Japão, em 2 de setembro. A guerra envolveu duas coalizações de países, os Aliados (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), que se enfrentaram em batalhas e campanhas militares em teatros de operações localizados em diversas regiões do mundo, tais como a Europa, norte da África, o oceano Atlântico e o Extremo Oriente (NETO, 2017, p. 1).

Desse modo, é possível observar o caráter mundial atrelado a esse conflito. E isso merece atenção, devido ao fato de que poucos são os acontecimentos vivenciados coletivamente pelas sociedades humanas que (em amplitude, intensidade e repercussão) atingem países variados, nacionalidades inteiras, e têm a capacidade de marcar a memória dessas sociedades por décadas.⁵⁷ A Segunda Guerra foi um desses acontecimentos. Que para além do plano Europeu – como ainda é massivamente apresentado - englobou também a África, o Oriente e as Américas (de Norte a Sul). À vista disso, uma guerra que acabou há mais de 70 anos ainda chama atenção e gera debates, na medida que, compreender as causas e consequências desse conflito ajuda a nos situarmos a respeito de sua relevância⁵⁸ e impactos que ainda ressoam.⁵⁹

Ademais, essa internacionalização do conflito, como também, o imenso potencial industrial, a significativa capacidade de mobilização material e humana incluem essa conflagração dentro do escopo de Guerra Total⁶⁰, onde qualquer meio utilizado para

⁵⁶ NETO, W. O. **Uma guerra de imagens: apontamentos sobre a produção, a circulação e o uso de fotografias durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)**. XXIX Simpósio Nacional de História: contra os preconceitos – História e Democracia. Brasília/UNB, 2017, p. 1.

⁵⁷ FERREIRA, Jorge. **Problematizando a Segunda Guerra Mundial**. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, 1996, p. 1.

⁵⁸ SILVA, Diego L. S. **A permanente relevância de um conflito**. In: Segunda Guerra Mundial: Apontamentos do Tempo Presente. Org: Andreza S. C. Maynard & Dilton C. S. Maynard. Recife, EDUPE, 2020, p. 13.

⁵⁹ A Segunda Guerra Mundial tem um grande significado atualmente, devido ao fato de a partir dela terem sido desenvolvidos movimentos, instituições e formas de entender a política e os povos. Tais pensamentos e influências, moldam a nossa visão do mundo, que atualmente, continua sendo – na grande maioria das vezes – dos vencedores (**O legado da Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789897244957.pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2022, p. 21).

⁶⁰ PEDRO, Tota. **Segunda Guerra Mundial**. In: História das Guerras. Org. Demétrio Magnoli. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 356.

empreendê-la era considerado legítimo.⁶¹ Além disso, de acordo com Hobsbawm “temos como certo que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvido.”⁶² Contudo, todos esses fenômenos permeiam exclusivamente as guerras do século XX. Que além de totais, se apresentaram também como guerras de massa, “no sentido de que usaram, e destruíram, quantidades até então inconcebíveis de produtos durante a luta.”⁶³ Destruíam, produziam e mobilizavam em grande escala, pois se tratando da Segunda Guerra Mundial, tudo permeou grandes dimensões. Nessa ótica, para o historiador Pedro Tota:

A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra total no sentido lato da palavra. A política nazista de destruição dos judeus (a “solução final”) contava com a sofisticada organização de busca, seleção, transporte, concentração e assassinato nos campos de extermínio (o chamado Holocausto), para onde também foram enviados ciganos, oposicionistas e até prisioneiros de guerra. Já em 1945, os americanos jogaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ameaçando o mundo com a nova tecnologia de morte em massa. Essa foi a guerra total no último conflito mundial (TOTA, 2017, p. 356).

Contudo, de onde surge esse conceito? Qual debate o permeia? Bom, no artigo *A Visão da “Guerra Total” no pensamento militar* (2005), do professor e historiador brasileiro Antônio Paulo Duarte, o mesmo define tal termo como fluído e fugidio. De acordo com Duarte, que parafraseia Jean Yves Guiomar⁶⁴, a primeira vez que se utilizou o conceito de Guerra Total em uma obra foi em 1918, no livro *La Guerre Totale* (A Guerra Total) de Léon Daudet.⁶⁵ Para mais, Duarte expõe que é no contexto da Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial), que surge tal conceito, de modo que, foi durante esse conflito que a guerra além de se pautar na mobilização global e integrada da sociedade, reverberou também mobilizações de recursos humanos e demográficos, que impactaram globalmente as sociedades que vivenciaram esse fato histórico, bem como continuam impactando na memória atual de muitas pessoas e locais.⁶⁶

⁶¹ **IDEM.**

⁶² HOBBSBAWM, Eric. **A era da guerra total.** In: A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 51.

⁶³ **IDEM**, p. 52.

⁶⁴ Foi um escritor francês.

⁶⁵ Foi um escritor, jornalista e político francês.

⁶⁶ DUARTE, A. P. **A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar.** Nação e Defesa, ed. Outono-Inverno, n° 112-3 – 3ª Série, 2005, p. 36.

Dessa maneira, unindo aspectos políticos, econômicos e estratégicos o sentido empregado ao termo de Guerra Total se apresenta:

Em boa medida, a Guerra Total surgiu mais como uma expressão ideológico-política, do que como um conceito de análise político-estratégico-militar. O conceito emerge com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, e traduz a mobilização total das nações para o esforço de guerra, mobilização não só militar, mas também tecnológica, industrial, intelectual e mediática. Ela caracterizava a massificação, não só humana, mas fundamentalmente material, característica da guerra nas sociedades industriais [...], mas, com a Guerra Total há uma efetiva maquinização da massificação humana, tornando o homem um instrumento, entre outros, do processo tecnológico-industrial-militar, processo holista na sua consecução mecânica. (DUARTE, 2005, p. 49).

Portanto, esse escopo facilita a compreensão desse tipo de conflito. Principalmente a ideia de que nessas dimensões “a guerra suga toda a realidade, a guerra torna-se a única realidade, pelo que não há real sem guerra e a guerra é fundamento de toda a existência, tornando qualquer racionalidade meramente instrumental à realidade que sobredomina tudo”. Sendo assim, a Segunda Guerra Mundial permeada pela profundidade de uma guerra total disseminou todo o impacto empreendido, como também, mobilizou diversas forças de combate por toda sociedade. De acordo com Daudet,⁶⁷ é a concentração de toda a sociedade num jogo paroxístico da guerra que caracteriza a Guerra Total, não mais apenas um embate clássico entre forças militares, mas um duelo entre sociedades.⁶⁸

2.3. A inserção feminina no esforço de guerra

O caráter de guerra total e guerra de massas, que impõe aos envolvidos no conflito uma total mobilização de recursos econômicos, políticos e culturais, marca-se também pela inserção de milhões de combatentes e trabalhadores. A partir disso, países como Grã-Bretanha, União Soviética, Alemanha, Estados Unidos e entre outros, utilizaram a mão de obra feminina para perfazer a falta de operários – homens – que haviam se transformado em soldados. Tal esforço, requereu uma intensa criatividade para aumentar a eficiência produtiva, e lidar com as crises ocasionadas nos tempos de guerra.⁶⁹ Nas palavras de Hobsbawm, “mesmo em sociedades industriais, uma tão grande mobilização de mão de obra impõe enormes tensões à força de trabalho, motivo pelo qual as guerras de massa fortaleceram o poder do trabalhismo organizado

⁶⁷ DAUDET, Léon. **La Guerre totale**. França, 2018.

⁶⁸ DUARTE, A. P. **A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar**. Nação e Defesa, ed. Outono-Inverno, n° 112-3 – 3ª Série, 2005, p. 36.

⁶⁹ PEDRO, Tota. **Segunda Guerra Mundial**. In: História das Guerras. Org. Demétrio Magnoli. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 357.

e produziram uma revolução no emprego de mulheres fora do lar: temporariamente na Primeira Guerra Mundial, permanentemente na Segunda”⁷⁰.

Todavia, antes de adentrar na discussão referente a participação feminina na Segunda Guerra – no que tange as atividades desempenhadas, os países que as mobilizaram, e em como se dá atualmente o debate histórico acerca dessa atuação após mais de 70 anos de conflito – é importante analisar os contextos que tornaram essas participações possíveis e necessárias. Para isso, é imprescindível analisar esse processo de mobilização de mulheres no esforço de guerra empreendido pela Primeira Guerra, pois dela, essa inserção acabou por perpetuar no desenrolar do século XX transformações sociais, disputas por espaços e um duelo constante entre mudanças e permanências.

Segundo a pesquisadora e cientista educacional Helena Neves, no artigo *Mulheres na Primeira Guerra Mundial: mudanças e permanências* (2015), nos quatro anos e meio da Grande Guerra foram mobilizados mais de 70 milhões de homens de todos os continentes. E foi assim, que homens das mais diversas nacionalidades saíram dos seus países e compuseram os campos de batalha. Dessa maneira, foi a partir dessa mobilização masculina para os fronts⁷¹ que a inserção de mulheres no esforço de guerra se apresentou, que nas palavras da autora, de forma inicial, se inseriram de maneira bem cautelosa e parcelar, mas, foram ganhando força e adquirindo crescimento e permanência.⁷²

Em consonância, a historiadora Ludimila Caliman (2012) disserta que enquanto os homens travavam batalhas nas linhas de frente e fora delas, a responsabilidade pela gestão e produção nacional ficou a cargo das mulheres. Assim sendo, a Primeira Guerra Mundial mobilizou para o trabalho um número de mulheres sem precedentes na História, e a maior parte delas, foi recrutada para substituir os homens durante e após a guerra – devido ao contingente de mortos e feridos⁷³.

⁷⁰ HOBBSBAWM, Eric. **A era da guerra total**. In: A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 51.

⁷¹ Esse termo aplicado no contexto de guerras, refere-se a grupos de pessoas que, num conflito militar, seguem na linha de frente das batalhas.

⁷² NEVES, Helena. **Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudanças e Permanências**. ResPublica – Revista de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais. Lisboa, 2015, p. 73-74.

⁷³ CAMPOS, Ludimila C. **NO AFROUXAR DOS ESPARTILHOS: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária**. Revista Eletrônica História em Reflexão: V. 6, n. 12, jul-dez. Dourados -UFGD, 2012, p. 9.

Os recrutamentos se deram de formas variadas, desde o apelo patriótico para convocar essas mulheres a defenderem seu país e aderirem a luta interna (ou *home-front*⁷⁴, como muitos pesquisadores definem), como também, por intermédio da propaganda de guerra, que através de jornais e revistas divulgavam cartazes desenvolvidos pelo governo com conteúdos que enalteciam aquelas que aderiam a causa e lutavam contra os inimigos, bem como, apresentavam imagens dessas mulheres vinculadas as necessidades de suas atuações no conflito, sendo elas no lar, nas indústrias, no campo e em outros espaços.

Estes cartazes, além de permitirem a percepção acerca de como se deu o processo de mobilização dessas mulheres no esforço de guerra – de forma similar e singular de país para país - promove do mesmo modo, a observação da diversidade de trabalhos empreendidos por elas. De acordo com Helena Neves (2015):

Em todos os países envolvidos no conflito, muitas mulheres, a maioria da classe média ou alta⁷⁵, enfermeiras de formação ou simplesmente voluntárias, aprendizas, auxiliares, religiosas e civis, cuidaram dos soldados nos hospitais dos respectivos países e nos hospitais auxiliares da Cruz Vermelha, organização internacional que a Convenção de Genebra, em 1864, reconheceu com fundamental capacidade de intervenção na assistência aos feridos, prisioneiros de guerra e populações civis. É sobretudo através desta organização não-governamental que as enfermeiras e auxiliares estarão presentes na proximidade das frentes de batalha, salvando centenas de milhares de vidas. Aliás, o papel internacional da Cruz Vermelha ser-lhe-á reconhecido através da atribuição do Prémio Nobel da Paz em 1917 (NEVES, 2015, p. 75).

Através do trecho, é possível compreender que das diversas atividades femininas realizadas no esforço da Grande Guerra, a que mais se aproximou dos fronts de batalha nesse contexto foram as atividades desenvolvidas pelas enfermeiras da Cruz Vermelha – papel feminino representado pela figura 3. Assim sendo, essas mulheres das mais variadas nacionalidades recebiam os nomes de anjos brancos por constituírem o corpo de enfermeiras e auxiliares nesse contexto do conflito. Neste escopo, mesmo a atividade tendo sido realizada por mulheres de variados países, o destaque cabe as norte-americanas, pois estas, além de atuarem

⁷⁴ Transmite a ideia de que a guerra também se faz de variados tipos de linhas de frente e campos de batalha, sendo a luta realizada em casa, nas indústrias e em outros setores da guerra também relevantes e passíveis de discussão.

⁷⁵ Conforme debate a autora: “as mulheres burguesas usufruem de maior facilidade de mobilidade, o que facilita quer o envolvimento profissional quer o voluntariado, e o exercício de cuidados implica uma formação e conhecimento que as mulheres da classe operária dificilmente possuem, ainda que muitas venham a ocupar o papel de auxiliares.” (NEVES, Helena. **Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudanças e Permanências**. ResPublica – Revista de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais. Lisboa, 2015, p. 77). Além de que, nesse mesmo contexto, enquanto as mulheres de classe média ou alta buscavam espaço no esforço de guerra ou uma ampliação de direitos, mulheres de classe baixa e de nacionalidades fora dos espectros europeus estavam buscando por direitos muito mais básicos.

como enfermeiras, atuavam também enquanto condutoras de ambulância. Para mais, as mulheres também serviram seus países na força de trabalho civil, sendo chamadas para trabalhar em diversas frentes, como em fábricas de munição⁷⁶, no cultivo da terra – para o abastecimento alimentar. Outras também desempenhavam atividades em gestão pública, em minas de carvão e de gás, em escritórios, prédios públicos, como policiais, bombeiras, e de mais tipos de atividades que necessitassem de mão de obra⁷⁷. Mas, toda essa mobilização e necessidade de exercícios desses papéis não ocorreu de forma simples na sociedade, visto que, as condições sociais, a divisão sexual do trabalho e a hierarquização patriarcal ainda regiam as organizações e opiniões humanas, sendo assim, a implementação desse trabalho feminino em novos setores apresentou:

A partir de 1915, a crescente partida dos homens dos países beligerantes ameaça paralisar a economia já em crise. A generalização de uma economia de mera subsistência, a escassez de gêneros e de produtos em todos os setores, o desemprego e a pauperização da população, particularmente feminina e infantil, apesar dos subsídios de apoio governamental às famílias de mobilizados, colocam como urgente o incremento da produção, quer para acudir à penúria do país, quer para alimentar os homens nas trincheiras [...] Assim, o prosseguimento de uma guerra que, afinal, veio para ficar exige uma nova mobilização feminina, cujo ritmo e características variam de país para país mas em que, não obstante, o enquadramento ideológico, as orientações e direções dessa mobilização se assemelham. Na generalidade dos países envolvidos no conflito será mais complexo e problemático este outro tipo de mobilização que se imporá como uma necessidade imperiosa: a mobilização feminina para as frentes de produção e dos serviços, ocupando, mesmo, postos de trabalho tidos como inconvenientes à feminil natureza (NEVES, 2015, p. 80).

Desse modo, fica evidente que a mobilização dessas mulheres ocorreu, bem como as suas inserções no mercado de trabalho e em áreas até então vistas como masculinas, porém, enfrentando diversas reticências. Segundo Thebaud (1991)⁷⁸, em 1914, após o início da guerra, as mulheres já ocupavam 40% dos postos de trabalho e em julho de 1915 ocupavam aproximadamente 80% da mão de obra. Para mais, o autor afirma que, “simbolicamente, a guerra revivifica os mitos da mulher salvadora e consoladora, mais do que comprova as capacidades femininas, salvo para as feministas, que, em cada país, põe em evidência a eficácia

⁷⁶ Que na França, gerou para as mesmas a nomenclatura de *Munitionnettes* (Municionistas), atuação essa, de grande relevância para o esforço de guerra.

⁷⁷ Esses primeiros trabalhos executados pelas mulheres, e reconhecidos pela sociedade, eram desempenhados em troca de uma refeição ou de uma quantia irrisória de dinheiro (TEIXEIRA, Cíntia M. **As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado**. Revista – Psicologia, Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 2, abr-jun. Brasília, 2009, p. 238).

⁷⁸ THEBAUD, F. **História das mulheres no Ocidente**. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 1991, p. 46.

do trabalho feminino e tentam, com mais ou menos insistência, assimilar a mobilização das mulheres à dos homens.

Dessa maneira, no final do século XX ocorreu uma sistematização e divisão dos espaços onde o trabalho ocorria. De um lado o trabalho doméstico representado pela esfera privada, de outro, os setores de produção presentes pela esfera pública.⁷⁹ Assim, a revolução industrial, as guerras mundiais e o avanço dos movimentos feministas fizeram com que essa fragmentação e reestruturação ocorresse também na divisão sexual do trabalho. Sendo assim, em todas as guerras, a vida e luta das mulheres experimenta mudanças diversas e opostas, permanências construídas para manter uma ordem classista e patriarcal, já que, mesma com sua mobilização para o esforço de guerra e ocupar postos até então negados, o discurso dessa adição fundamenta-se na representação social dos sexos, e fundamenta-a, reforçando identidades. De modo que, “a ocupação feminina dos lugares dos homens é encarada pelo poder como uma necessidade de um tempo de crise e, portanto, paralelamente à mobilização das mulheres para a produção, mantém-se e até se reforça, ainda que revestindo novas formas, o discurso ideológico e normativo sobre a função natural das mulheres, mães de família, mães dos soldados, mães da mãe pátria.”⁸⁰

Consequentemente, essas mesmas atuações empreendidas por essas mulheres, passam a ser vistas e empregadas por elas como formas táticas de reivindicar seus espaços e direitos. Nessa premissa, a autora Luciana Klanovicz (2013) discute que:

Naquele período, as disputas emancipatórias não estavam restritas apenas às sufragistas e sua luta em prol do direito ao voto, dirigindo-se também a questões mais amplas, especialmente aquelas voltadas para a defesa do direito de mulheres em atuar nos espaços públicos, na tentativa de buscar a equidade de gênero em diferentes espaços de poder assim como de relações sociais em um “novo nível para igualdade”. Nesse sentido, a mobilização nacional para a guerra foi vista como uma vantagem, uma vez que ampliava e incorporava a atuação das mulheres, percebida como uma necessidade, no trabalho da indústria, na agricultura e no mundo militar. O serviço estatal pode ter sido considerado um componente vital de ampliação de cidadania. O engajamento representava a luta mais ampla em defesa do direito feminino de atuar nos espaços públicos, de proteção contra a violência, dos direitos de trabalhar, estudar, manejar armas, servir militarmente, na tentativa de buscar a equidade de gênero (KLANOVICZ, 2013, p. 718).

⁷⁹ BRUSCHINI, M. C. **Mulher e trabalho. Década da mulher**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

⁸⁰ NEVES, Helena. **Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudanças e Permanências**. ResPublica – Revista de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais. Lisboa, 2015, p. 105.

Por fim, percebe-se que as atuações dessas mulheres no esforço de guerra apresentaram novos capítulos para a História, seja se tratando de guerras, ou do espaço feminino conquistado. Sendo assim, nesses contextos, essas personagens se firmaram e desempenharam diversos papéis, serviram seus países, seguiram ideais, lutaram contra inimigos e buscaram por ampliação de direitos.

Pois, ao travarem essas batalhas coletivas as mulheres no esforço de guerra também travaram batalhas pessoais, e esses engajamentos conscientes ou inconscientes ampliaram as lutas pela conquista de espaços profissionais, direito ao voto, ampliação de demais direitos civis, de códigos de vestimentas e uma maior inclusão na esfera pública. Mas, a tentativa de forçar um retorno aos moldes anteriores de vida feminina apresentadas no pós Primeira Guerra, evidenciam que, muita luta e outras guerras esperarão ainda as mulheres – bem como os combates por conquista e manutenção de direitos já conquistados – e as demais batalhas travadas e papéis desempenhados no que tange a Segunda Guerra Mundial serão discutidos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

As mulheres e a Segunda Guerra Mundial: atuações e representações através dos filmes de guerra

O presente capítulo disserta acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, a análise se pauta na discussão das atuações e representações dessas mulheres nos filmes de guerra, sendo as películas escolhidas: *A batalha de Sevastopol* (2015), *O leitor* (2008), *As espiãs de Churchill* (2019) e *As mães do Terceiro Reich* (2012). Ademais, esse debate se ancora em estudos metodológicos e teóricos relacionados ao campo de *História e Cinema*, bem como, as consonâncias e dissidências dos filmes serão considerados a partir de um viés comparado.

3.1. A face feminina da Segunda Guerra Mundial

Sun Tzu, no livro *A arte da guerra* (2019) traça debates aprofundados no que concerne a batalhas, estratégias, exércitos e mobilizações voltadas para a guerra, mas além disso, o prefácio da obra conta com uma anedota que proporciona algumas reflexões. Sun Tzu, dizem, foi o homem mais versado que já existiu na arte militar, e ao saber de uma tensão existente entre o rei de Wu e os reis Zhou e de Ho-Lu (os três correspondendo a reinos chineses) preferiu participar ao ficar ocioso.

Dessa maneira, ele se apresentou para o rei de Wu com intuito de conseguir um emprego em suas tropas, o rei, mesmo conhecendo todas as habilidades e admirando seus feitos, aproveitou a ocasião para conseguir um novo passatempo. Por conseguinte, o rei gostaria de ver as habilidades de Tzu para além da teoria, objetivando ver as mesmas aplicadas na prática, sendo assim, disse o rei: “Eu entendo, o senhor quer dizer que instruíra facilmente homens inteligentes com suas máximas, que formará aos exércitos militares, sem muita pena, homens acostumados ao trabalho, dóceis e plenos de vontade [...] Ao meu ver, o senhor inspiraria até mesmo às mulheres os sentimentos guerreiros, o senhor as prepararia para os exercícios de combate”, em resposta, Sun Tzu afirma “Sim, majestade. Peço que não tenha dúvidas”⁸¹.

À vista disso, a história segue desenvolvendo diálogos e acontecimentos reveladores, porém, a passagem exposta acima evidência a relutância em observar as mulheres como seres capazes de combater e como atuantes nos esforços de guerra, tal qual, detentoras de pensamentos políticos. O rei, ao apresentar como desafio o treinamento de mulheres para

⁸¹ TZU, Sun. **A arte da guerra**. 2º Ed. São Paulo: LaFonte, 2019, p. 12-13.

combate, as insere em um panorama de passividade mediante a exercícios de combate, bem como uma fragilidade que impede essa inclusão.

Tal fator, está diretamente relacionado a trajetória histórica de narrar a guerra mediante as teorias da História Política, vertente essa, que focou durante muito tempo nas atuações dos vencedores, nos feitos masculinos e em caracteres militares e políticos, sem maiores problematizações das esferas sociais e culturais envoltas nesses espaços. Nesta perspectiva, Rachel Soihet (1997) afirma que “a história política foi a trincheira de resistência à inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero”⁸², visto que, ela acabou por dificultar a inserção e a análise do viés da História das Mulheres e as Relações de Gênero como justificativas e explicações acerca das posições e relações de poder. Para mais, Joana Maria Pedro (2005)⁸³ comenta:

Tratar de guerras e batalhas foi uma das principais atividades de historiadores ligados à forma tradicional de escrita na historiografia. A narrativa estava concentrada nas causas e consequências das guerras, nas nações em disputa, na atuação de grandes generais e na descrição das grandes batalhas. Narrar as guerras a partir de uma perspectiva de gênero significa, além de uma inovação na escrita da história, a percepção de identidades sendo constituídas e/ou se dissolvendo; além disso, significa observar a guerra como política de gênero (PEDRO, 2005, p. 83).

Posto isso, muito do que se conhece ou se escreve sobre a guerra se ancora a pontos de vistas de velhas questões, mas a apresentação de novos ângulos e vertentes históricas estão por apresentar novos objetos e temáticas de estudos, ampliando e pluralizando assim o escopo historiográfico. Nesse trabalho por exemplo, a concepção do entendimento de guerra se amplia, sendo assim, para além da nomenclatura feminina ela aqui se apresenta composta de mulheres também no seu desenrolar.

“As mulheres e a guerra. Dois substantivos que, quando juntos, acabam provocando uma reflexão curiosa”⁸⁴. Partindo dessa proposição, para a historiadora Ana Claudia de Rezende (2015) o pensar ou falar sobre a guerra – mesmo com um olhar amplo – acaba por excluir muitas das vezes as minorias históricas. Pois, nossa memória tende a remeter os aspectos

⁸² SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate**. IN: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 99.

⁸³ PEDRO, Joana M. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila**. *Revista Estudos Feministas*, 13(1):2016, jan-abr. Florianópolis, 2005, p. 83.

⁸⁴ MELLO, Ana C. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015, p. 25.

mais crus em relação a um conflito, desse modo, quando pensamos sobre a participação feminina na guerra por exemplo, muitas nuances podem estar desconhecidas ou passarem despercebidas. Logo, cabe ao historiador(a) expandir o olhar em busca destes agentes históricos, para que assim, possa fornecer à historiografia uma visão mais ampla de conflitos em particular. Dessa maneira, como debatido pelo historiador francês Claude Quétel no livro *As Mulheres na Guerra (1939-1945)*:

As mulheres são as eternas vítimas das guerras. Geradoras e guardiãs da vida, nas guerras elas são mais do que nunca presa dos ímpetos de morte dos homens. As mulheres são também as eternas esquecidas da história das guerras. Metade da humanidade (e até um pouco mais, pelo jogo das expectativas de vida) parece furtar-se ao exame, e a história tem a maior dificuldade em erigir essa multidão em objeto histórico. Nem nação, nem classe social, nem partido político, nem minoria ativa, as mulheres veem sua história dissolvida na história dos homens. Isso é verdade em tempos de paz. E é muito mais verdade em tempos de guerra, nos quais os homens ocupam mais ainda o centro da cena e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles (QUÉTEL, 2009, p. 7).

Isto posto, é relevante destacar que mesmo pela dificuldade imposta por esses horizontes de silêncio, as mulheres e suas histórias silenciadas vem nos últimos anos revelando o caráter multifacetado de suas experiências, principalmente tratando da Segunda Guerra Mundial⁸⁵, pois, a guerra politiza as relações de gênero. De modo que, as mesmas não estavam reservadas apenas as posições de espectadoras do conflito, ou também, reservadas apenas aos bastidores deste, mas sim, se inseriram nos mais variados espaços que, por elas foram frequentados e desempenhados. Sendo assim, apesar da guerra por muitos ser visualizada a partir de um olhar masculino, as mulheres desempenharam participações efetivas no maior conflito bélico já vivenciado.

Quanto a essas atuações e o papel empreendido a mulher nesse período o caráter é plural, e começa a se desenrolar mais intensamente com a eclosão do conflito em 1939, de maneira que, com a guerra tudo mudava e se readaptava. Nesse contexto, o papel do homem – pai de família, esposo, filho – vai oscilando e dando espaço a novas premissas do papel feminino.

⁸⁵ANDRADE, Émile C; MATOS, Thayza A. **A guerra não tem rosto de mulher: o silenciamento do testemunho feminino.** In: A expressividade e subjetividade da literatura (Org. Fabiano Tadeu Grazioli). Editora Atena, 2019, p. 42.

Com a guerra, os países envolvidos passaram a desenvolver e definir estritamente as funções cotidianas de suas mulheres e a lhes impor um perfil segundo as respectivas ideologias⁸⁶.

Sendo assim, mulheres alemãs, italianas, japonesas, francesas, soviéticas, britânicas, norte-americanas e entre outras passaram a observar mudanças no seu cotidiano e papel social, porque, os homens estavam nas frentes de batalha, mortos ou foram feitos prisioneiros, devido a tal fato, estas tiveram de aprender ou reaprender a viver “sozinhas”. Diante disso, elas passaram a se inserir com mais intensidade socialmente, saindo mais as ruas, modificando suas vestimentas – impulsionadas pelas novas expressões criadas pela moda – enfrentando as grandes filas de abastecimento, já que, as mesmas nesse momento assumiram para si o dever de prover a família, especialmente no que concerne a abastecimento alimentício.

Ademais, são essas personagens também as vítimas das confusões e privações, são elas que enfrentaram com seus pais, filhos ou sozinhas as nuances dos bombardeios, êxodos, separações e ruínas. São elas que sofreram com os abusos, segregações e com os estupros de guerra. Além disso, as mesmas visualizaram serem intensificados para si o papel de mulher que vai a igreja, cuida dos filhos, cuida do lar e serve a nação.

As mulheres do Eixo⁸⁷ por exemplo, sofreram significativamente com esses estereótipos de gênero⁸⁸, já que para Hitler e Benito Mussolini, a emancipação feminina fazia parte de uma concepção judaica e comunista, dessa maneira, na Alemanha foram criadas ligas natalistas como a *Lebensborn (fontes de vida)*, desenvolvidas em 1941 para incentivar o aumento da taxa de natalidade, já que, altas eram as baixas na guerra, sendo assim, era “dever” dessas mulheres multiplicar a descendência ariana. Na Itália fascista não era diferente, a “nova mulher” exaltada pelo Estado é também a mãe e a esposa centrada na família e nas tradições, sendo esta ligada intimamente a igreja católica. Para mais, ligas como *Giovani Fasciste (jovens fascistas)* e *Piccole Italiane (pequenas italianas)* são criadas na Itália antes da guerra – e se intensificam ainda mais durante o conflito – com intuito de fazer dessas mulheres verdadeiras

⁸⁶ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 12.

⁸⁷ “Segunda Guerra Mundial (1939-1945) envolveu de forma direta sete poderosas potências do período, que foram divididas em dois blocos: o Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão; e os Aliados, composto por Inglaterra, França, União Soviética e Estados Unidos. Outros países também atuaram nos embates, de forma menos acentuada ou mais indiretamente, como é o caso do Brasil” (ANDRADE, Liliane. **Cinema e Segunda Guerra Mundial: análise da divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais de Sergipe (1942-1945)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2019, p. 9.

⁸⁸ **IDEM**, p. 13-15.

fascistas, como também, incentivá-las a se oporem ao feminismo e suas reivindicações emancipatórias.

No Japão⁸⁹ o papel da mulher também seguia os mesmos estereótipos, e os dirigentes foram reticentes ao decidir o papel desempenhados pelas mulheres até mesmo durante o esforço de guerra, oferecendo-as essencialmente empregos “subalternos” – empregos domésticos, indústrias têxteis, agricultura etc. Na França, após a ocupação nazista em 1940, as francesas já se encontram em atraso em termos de direitos e participação social, após isso, o Estado francês coloca (ou melhor, realoca) a mulher o papel de mulher-mãe, não mulher-mulher, nessa premissa, as mesmas são incentivadas a terem cada vez mais filhos, não somente para um maior contingente humano para França, mas também para “melhorar a raça”⁹⁰.

Porém, essa máscara da mulher apolítica – principalmente nos países que compõem o Eixo – começou a afrouxar com a intensificação do caráter de guerra total e da necessidade de mobilização de todas as forças vivas nos países. Dessa maneira, na Alemanha a partir de 1943 mesmo mergulhada em diversas reticências e contradições o esforço de guerra é empreendido também as mulheres, e estas de 17 à 45 anos são convocadas a participarem de ligas de mulheres nazistas, de grupos de incentivo e treinamento de trabalhos, assim, as alemãs no decorrer da Segunda Guerra foram inseridas em hospitais de campanha, em escritórios, nas indústrias e na vigilância, nos transportes e entre outros. Na França, muita das mulheres foram voluntariamente desenvolver ofícios na Alemanha, as que permaneceram foram inseridas através do *STO (Serviço de Trabalho Obrigatório)* nos serviços públicos, transportes ferroviários, correios etc. No Japão, após 1942 por volta de 78 mil japonesas estavam realocadas as minas para desenvolvimento de trabalhos, bem como, as mesmas foram inseridas – mesmo que de forma indesejada – nas fábricas e em demais trabalhos nos centros urbanos⁹¹.

Na Grã-Bretanha o incentivo a inserção feminina no esforço de guerra se deu desde o ano de 1940, sendo ele o primeiro país a entender a necessidade da inserção dessas mulheres para um bom desenvolvimento de país no conflito. Dessa forma, elas atuaram enquanto auxiliares de transportes aéreos, do exército, trabalhando também em fábricas de armamentos, no exército da agricultura – esfera essa mundialmente conhecida como *Lady Army (exército das agricultoras)*. Nos Estados Unidos, a partir da entrada do país no conflito (1941) as mulheres já foram mobilizadas para a guerra, tal papel se deu massivamente pela propaganda,

⁸⁹ IDEM, p. 90.

⁹⁰ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 15.

⁹¹ IDEM, p. 78-80.

que seduziu e inseriu essas mulheres em escritórios, na mídia, na indústria, dos depósitos e em diversas áreas. Já na União Soviética as mulheres prestaram de forma exclusiva alguns serviços do esforço de guerra, sendo este o único país no qual as mulheres atuaram de forma significativa economicamente e militarmente, sendo mobilizadas até mesmo para as frentes de batalha, onde atuaram enquanto aviadoras, enfermeiras, auxiliares do exército, motoristas e até mesmo atiradoras e franco-atiradoras⁹².

Portanto, é possível observar como foi quantitativa a presença e atuação dessas mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. E todo esse esforço de guerra dos países envolvidos não teria tido a imensa força e mobilização sem a ajuda da propaganda, que através do cinema, do rádio, das revistas e dos cartazes de guerra que assim como na Primeira Guerra, mobilizou sem descanso as forças vivas de casa nação. É através desses recursos, que de acordo com Claude Quérel (2009) a propaganda “encoraja o esforço de guerra das mulheres, não somente nos Estados Unidos, mas também na Inglaterra e URSS” e mesmo menos presente, também se faz relevante na Alemanha, Itália, Japão e demais países⁹³. E é através dessas mobilizações, das alterações sociais e dos papéis desempenhados por essas mulheres que torna possível o entendimento de várias faces femininas da Segunda Guerra, faces estas que se apresentam em diversos níveis e meios.

3.2. Mulheres, Cinema e Guerra: os filmes e a análise histórica

Pensar a guerra, em específico, a Segunda Guerra Mundial, é pensar em totalidades. Pensar esse conflito, é entendê-lo permeado pelas comunicações, pela propaganda e pela amplitude de recursos que o mesmo utilizou – durante seu desenrolar – e que continua a influenciar mesmo após anos do seu fim. Se tratando dos meios de comunicação, esse trabalho dará destaque ao Cinema, já que, desde a sua criação, a sétima arte vem proporcionando uma variedade de utilizações e impactos. O cinema diverte, mas também caracteriza épocas e momentos, como também, expressa pensamentos, comportamentos e informações relevantes sobre períodos já vivenciados ou em curso. Por tamanha amplitude, esse recurso fornece meios de utilização e análise para diversas áreas do conhecimento, e se tratando da História, se torna um campo amplo e cheio de possibilidades.

Contudo, mesmo com essa importância dada aos filmes nas pesquisas históricas e até mesmo no ensino de história, é importante entender que essa apropriação vem adquirindo mais

⁹² QUÉREL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 84-89.

⁹³ **IDEM**, p. 112.

espaços na contemporaneidade, já que, durante muito tempo historiadores viam os filmes com relutância, principalmente se tratando das possíveis potencialidades dos mesmos enquanto objetos de estudo, pois, os historiadores durante a época de fundação do cinema – e até anos após – estavam mergulhados na concepção positivista a qual “a história só se fazia com documentos”. Mas, para o historiador e pesquisador Jorge Nóvoa (2012), é presumível que desde sua criação – pelas mãos dos irmãos Lumière⁹⁴ – o cinema tenha sido pensado para se tornar em algum momento um objeto especial para a atenção de historiadores e demais pesquisadores das Ciências Humanas, para mais, o autor disserta que “é possível que tenham pensado que a produção de imagens exibidas em uma tela visse a ter a sua cronologia registrada pelo historiador, mas com muita dificuldade imaginariam que o cinema fosse adquirir uma importância tão grande para a história e para os historiadores, a ponte de estes cunharem a expressão *cinema-história*⁹⁵”.

Diante disso, a partir da década de 1990 diversos pesquisadores, entre eles, historiadores, passaram a se debruçar na relação existente entre os filmes e a história, que de acordo com a historiadora e pesquisadora do tema Andreza Maynard (2013) tal interesse em grande medida foi influenciado pelo texto de Marc Ferro *O filme: uma contra análise da sociedade?*, uma vez que, ao criar a expressão *Cinema-História* Ferro desenvolve uma ligação permeada por complexidade, pois, o cinema e a história são dois campos e discursos “com naturezas distintas, ao estudar o cinema através da história é preciso considerar que um campo não é facilmente decifrado pelo outro”⁹⁶. Além disso, esse texto “além de conferir maior credibilidade aos filmes como documento para o historiador, destacou a possibilidade de estudar uma sociedade por meio de sua produção cinematográfica”⁹⁷. Entretanto, de acordo com Andreza Maynard é preciso considerar a vocação internacionalista do cinema, pois:

⁹⁴ De acordo com a historiadora e pesquisadora da área Liliane Andrade: “Foi na França que ocorreu a invenção do cinema, a partir da criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, marcada pela exibição do curta-metragem *L'Arrivée d'un train à La Ciotat* (A chegada do trem na estação) no salão de um café em Paris no ano de 1895. Foi também um francês, Geroge Méliès (1861-1938), o responsável direto por importantes inovações transformações da atividade cinematográfica”. (ANDRADE, Liliane. **Cinema e Segunda Guerra Mundial: análise da divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais de Sergipe (1942-1945)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2019, p. 14). Para saber mais: SABADIN, Ceslo. Méliès. O início do show. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 61-68.

⁹⁵ NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação Cinema-História**. In: *Cinema-História: Teoria e Representações Sociais no Cinema* (Org. Jorge Nóvoa e José D'Assunção Barros). Apicuri: Rio de Janeiro, 2012, p. 14.

⁹⁶ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 17.

⁹⁷ **IDEM**, p. 17-18.

Os filmes produzidos num país podem ser exibidos em vários outros. Símbolo de modernidade e cosmopolitismo, desde que surgiu o cinema se destinou ao grande público. Nesse sentido o cinema foi pensado por Walter Benjamin e Siegfried Kracauer a partir de sua relação com as massas. Essa espécie específica de arte integra uma indústria de entretenimento e visa satisfazer ao grande mercado. Desde a produção de um filme até sua exibição, uma grande quantidade de pessoas se envolve no processo criativo. Todos são responsáveis pela obra final. Os custos são elevados e por isso mesmo a produção dos filmes esteve acompanhada pela necessidade de fazer as fitas circularem e de dispor de vários locais para a acomodação do público durante a exibição de uma película. Nestes termos, o desenvolvimento da prática cinematográfica, classificada como arte por Walter Benjamin, esteve associado à atividade industrial desde muito cedo (MAYNARD, 2013, p. 18).

De tal modo, pensar o cinema atrelado a história não é algo novo. E para Alexandre Busko Valim (1997), essa relação é um fenômeno complexo, no qual, fatores de ordem estética, política, econômica e social se entrecruzam. Dessa maneira, se faz necessário pensar essas áreas a partir de reflexões teóricas e metodológicas ligadas ao estudo do cinema pela historiografia, analisando nesse processo, questões ligadas à emissão, mediação, recepção, ideologia e hegemonia dos filmes estudados⁹⁸. Para mais, cada análise caberá múltiplas abordagens, sendo elas, particulares as afinidades e indagações de cada historiador⁹⁹. Nessa premissa, José D’Assunção Barros (2011) afirma que:

Há algumas décadas os historiadores descobriram as amplas possibilidades de utilização do cinema como fonte histórica. Considerado por muitos a “arte do século XX”, o cinema tem constituído, a partir de si mesmo, uma linguagem própria e uma indústria também específica, e à par disto não cessou de interferir na história contemporânea ao mesmo tempo em que seu discurso e suas práticas foram se transformando com esta mesma história contemporânea (BARROS, 2011, p. 177-178).

Ante o exposto, a partir de um filme “e a partir da análise dos discursos e práticas cinematográficas relacionados aos diversos contextos contemporâneos, os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX”¹⁰⁰. Podendo assim, também olhar sobre novas lentes a história da Segunda Guerra Mundial, partindo de novos objetos,

⁹⁸ VALIM, Alexandre Busko. **História e Cinema**. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro. Elsevier, 1997, p. 283.

⁹⁹ Para José D’Assunção Barros: “Por fim, lembraremos também que o cinema é ele mesmo um “agente histórico” importante, no sentido de que termina por interferir na própria História de diversas maneiras – seja por intermédio de sua indústria, seja pela formação de opinião pública e de influências na mudança de costumes, seja por meio daqueles que dele se utilizam para objetivos diversos, como os próprios governos e os grupos sociais que, com a produção fílmica, impõem seus discursos, pontos de vistas e ideologias.” (BARROS, José D’Assunção B. **Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas**. Revista Comunicação e Sociedade, n. 55, p. 175-202, jan-jun, 2011, p. 179).

¹⁰⁰ IDEM, p. 178.

análises e discursos. Pois, apesar da temática ser altamente abordada em trabalhos historiográficos e até mesmo pelo cinema, ambos, influenciados pelas hierarquias, pelas políticas e por silenciamentos acabam por deixar a margem algumas problemáticas, como é o caso da participação feminina na Segunda Guerra, que durante muito tempo foi pouco debatida na História e pouco apropriada pelo Cinema.

Por efeito disso, ao analisar um ou mais filmes, institui-se a importância “de tratar esse objeto de estudo como um conjunto de representações que remetem direta ou indiretamente ao período e à sociedade que o produziu”¹⁰¹. Dessa maneira, as análises do momento da produção das películas remetem o presente, e expressam informações a respeito do momento, lugar, contexto e objetivos dessa produção, bem como as demandas sociais e políticas que acabam por influenciar no que se produz, mediante ao que a sociedade busca consumir, de modo que, mesmo enquanto objeto de análise histórica, o cinema também é produto.

Logo, ao se pensar acerca de películas com a temática da Segunda Guerra Mundial, uma lista extensa se projeta com facilidade, marcando-se por destrinchar esse conflito em diversos personagens, momentos e sentimentos. De tal modo, desde *O pianista* (2002) que retrata a vida do pianista judeu-polonês Wladyslaw Szpilman a partir da invasão da Polônia em 1939 pelos nazistas, como também, *Pearl Harbor* (2001), que expõe a ofensiva japonesa à base americana de Pearl Harbor e a entrada dos Estados Unidos na guerra. Outros filmes também bastante consumidos são *Stalingrado – a batalha final* (1993,) no qual a história de soldados alemães que lutaram contra as tropas soviéticas na dura e fria batalha na cidade de Stalingrado é narrada, além de *A Queda – As últimas horas de Hitler* (2004) descrito a partir da visão da secretária de Hitler, o filme expõe os últimos dias e o esforço do mesmo pra continuar, mesmo sem sucesso, no poder.

Para mais, filmes como *O Resgate do Soldado Ryan* (1998) sobre o Dia D, *Bent* (1997) que expõe a perseguição a homossexuais na Alemanha nazista, como também, *Casablanca* (1942), *Vá e Veja* (1985), *Marcas da Guerra* (2005), *Cartas de Iwo Jima* (2006), *A batalha esquecida* (2020), *O soldado que não existiu* (2022), dentre outros, são produções – mesmo que mínimas se comparado o arcabouço de películas sobre o tema – que acabam por evidenciar a diversidade de filmes produzidos acerca desse conteúdo, da mesma maneira que, desde a

¹⁰¹ VALIM, Alexandre Busko. **História e Cinema**. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro. Elsevier, 1997, p. 285.

eclosão desse conflito até a atualidade, a produção fílmica sobre esse momento histórico é de grande produção e recepção.

Todavia, mesmo com a diversidade de películas sobre o tema, a maioria desses filmes ambientados na Segunda Guerra Mundial que evidenciam a população inseridas em resistências, em esforços de guerra ou em demais nuances proporcionadas pelo conflito, nota-se em prevalência o papel feminino relegado a coadjuvante, sendo a mulher nesses momentos a mãe, a esposa, a filha, ou alguém que atua na guerra de forma pouco significativa. É possível observar também – como exemplo, no caso de filmes como *Casablanca* (1942), *Pearl Harbor* (2001), *O pianista* (2002) etc. – que a visibilidade feminina é atrelada ao romance dos filmes, ao comporem a tela com seus pares românticos.

Tais fatores, se apresentam como fruto de hierarquias sociais e do patriarcalismo que relegou as mulheres de espaços de destaques em momentos históricos, como também, são fruto de um silenciamento historiográfico que pouco narrou ou documentou os feitos empreendidos por elas. Dessa maneira, o Cinema que é fruto das demandas do presente – políticas, econômicas e sociais – só apresentou o espelho de horizontes de silêncio no que tange as mulheres na guerra, na história e nos filmes de guerra.

No entanto, é válido destacar que o pouco enfoque dado a mulheres nos filmes com a temática da Segunda Guerra, não quer dizer que eles não existiram ou existem, mas, que se comparado a produções que apresentam homens em papéis decisivos e de destaque esses são ínfimos, porém, existem. Exemplificando, durante o desenrolar do conflito o cinema foi apropriado como uma arma de propaganda, sendo assim, o filme civil cedeu cada vez mais espaço ao cinema de guerra¹⁰², de tal forma, que durante a mobilização feminina para atuar no esforço de guerra, os filmes – assim como o jornal, o rádio e os cartazes – englobaram meios para atraírem essas mulheres, narrarem seus feitos e exaltarem seus serviços a nação.

Com destaque, na Grã-Bretanha por exemplo, esse cinema de guerra englobando a premissa feminina fez sucesso, no filme *Went the Day Well?* (*O dia foi bom*) - (1942) o elenco é em sua maioria feminino. Na trama, os nazistas desembarcaram na Inglaterra, mas nada vai bem para eles, pois no local que os mesmos realizaram o desembarque, uma aldeia costeira – cujos homens partiram para guerra – as mulheres vigiam e capturam os nazistas, e chegam até mesmo a matá-los. Outro exemplo, e menos belicoso, é o caso da película *The Lamp Still Burns* (*A lamparina arde ainda*) – (1943) filme britânico que mostra uma jovem sacrificando o amor

¹⁰² QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 114.

em busca da nação, pois, a mesma se enquadra enquanto enfermeira no esforço de guerra, precisando assim estar solteira para se engajar no trabalho com plenitude¹⁰³.

Para mais, outro filme britânico que ressalta essa participação feminina no conflito é *The gentle sex (O sexo gentil)* – (1943) que através da comédia, do drama e do romance conta a história de sete garotas “gentis” que em prol de ajudar seu país durante esse período, decidem fazerem sua parte frente ao esforço de guerra. *Millions Like Us (Milhões como nós)* – (1943) é outro exemplo de película produzido pela Grã-Bretanha que narra a vida de milhões de operários (grande maioria mulheres) que trabalharam em uma fábrica de aviões durante o conflito e ajudaram seu país a partir dessa atuação. Esse filme, em companhia de *Two Thousand Women (Duas mil mulheres)* - (1944) e *Waterloo Road (Estrada de Waterloo)* – (1945) fazem parte de uma trilogia não oficial escrita e dirigida por Sidney Gilliat acerca de filmes de guerra britânicos – que em sua construção apresentam as mulheres direta/indiretamente ativas na época e no confronto.

Outros exemplos de filmes nessa premissa são *Woman in War (Mulheres na Guerra)* – (1940), um filme norte-americano que expõe a vida da personagem ao ingressar no serviço auxiliar de enfermagem, ademais, foi o primeiro longa-metragem a evidenciar o treinamento de mulheres enquanto enfermeiras durante a guerra, e *Mashenka (1942)* filme soviético que exhibe um romance entre um jovem operário e uma recepcionista, tal relacionamento, é interrompido pela eclosão do confronto e circunstâncias pessoais dos personagens, mas ambos se reencontram no fronte de batalha em uma luta da URSS contra a Finlândia.

Em consequência, como debatido por Marc Ferro “não é suficiente constatar que o cinema fascina e inquieta: os poderes públicos e o privado pressentem também que ele pode ter um efeito corrosivo e que, mesmo controlado, um filme testemunha”¹⁰⁴. Dessa forma, os filmes de guerra citados acima testemunham. Sendo eles ficcionais ou baseados em fatos reais, os mesmos constroem e evidenciam a guerra para os telespectadores, e de forma direta ou indireta transmitem a forma de pensar e agir de quem o produziu, levando ao grande público as demandas da sua época. E isso permanece nas produções cinematográficas produzidas na contemporaneidade, elas que versam também sobre a guerra, e em específico sobre a participação feminina nela, refletem também as pautas desse século, as bandeiras – feministas ou não -, as questões políticas e teóricas – de vertentes como a História das Mulheres e as

¹⁰³ IDEM.

¹⁰⁴ FERRO, Marc. **O filme: uma contra análise da sociedade?**. In: Cinema e História. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra S. A., 1992, p. 5.

Relações de Gênero – e demais nuances, aderindo assim, um mercado e debates atuais e de destaque.

No presente trabalho, os filmes selecionados para servirem de análise acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial são contemporâneos (século XXI). Os objetivos dessa escolha – já citados anteriormente – perpassam a ideia de que a Guerra continua a ser investigada pelos historiadores¹⁰⁵, pois, estes continuam mantendo viva a intensa produção científica a esse respeito, levando para o cinema novas vertentes, batalhas, personagens e reivindicações descobertas em novas pesquisas e análises. Destarte, a escolha dos filmes a serem analisados nesse texto reverberam a possibilidade de debater algo novo, de trazer à tona novos debates e reinterpretações, bem como, as películas que a seguir serão expostas e estudadas, são de fácil acesso para o leitor que se interessar por assisti-las, portanto, o debate aqui levantado acaba por ser pluralizado por esses filmes facilmente serem encontrados em plataformas digitais. Sendo estes, *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espiãs de Churchill* (2019), que, respectivamente, expõem e evidenciam circunstâncias da participação feminina no esforço de guerra de países como a Alemanha, França, União Soviética e Inglaterra.

3.2.1. O caso alemão a partir do filme *O leitor* (2008)

O filme alemão/norte-americano *O leitor* (no original, *The Reader*) foi dirigido por Stephen Daldry e roteirizado por David Hare, do gênero drama e lançado em 2008 o mesmo se inspira no livro homônimo (*Der Vorleser*) – (1995) do escritor alemão Benhard Schlink. O enredo se desenvolve em uma Alemanha no Pós-guerra que perpassa por vários marcos temporais – 1955; 1966; 1976; 1980; 1988; 1995 – que em seu desenrolar permeiam romance, mistério, julgamento e o peso da culpa.

A trama começa em Berlim no ano de 1995, e apresenta um Michael Berg adulto (Ralph Fionnes) perdido em pensamentos do passado. Nesses devaneios, acontece um longo flashback, e é dessa circunstância que o filme passa a desenvolver as intrigas da história. O filme, de forma inicial, pauta o seu desenrolar no romance existente entre Michael Berg (David Kross) um jovem de 15 anos com Hanna Schmitz (Kate Winslet) uma mulher de 34 anos, romance esse, que acontece por um acaso do destino – a partir do ano de 1955. Essa relação vai ganhando

¹⁰⁵ MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **Luta honrosa ou infernal? A Segunda Guerra Mundial a partir dos filmes KV-1: Almas de ferro (2018) e A Passagem (2019).** Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB – Em Tempo de Histórias, Brasília, n. 37, jul-dez, 2020, p. 620.

força a partir da intensa atividade sexual do casal, mas primordialmente se intensifica pelo ato da leitura. Na obra, todos os encontros do casal permeiam uma leitura de Michael para Hanna, essa ação, vai se tornando recorrente e unindo-os cada dia mais. Porém, Hanna é uma mulher calada, que aparentemente não possui uma ótima qualidade de vida, e que acima de tudo, parece temer o passado.

O romance entre ambos continua a ganhar forma, porém, é importante elencar que Michael é um jovem que vive numa Alemanha no pós-guerra, permeada pelas sombras e traumas do que foi o nazismo e a guerra nessa sociedade, bem como, Hanna é filha direta desse período de guerra, e traz consigo vivências e opiniões de uma Alemanha em outro contexto. Dessa forma, as dissonâncias desse casal não se pautam apenas na idade e nas formas de lidar com o romance, mas acima de tudo, se marcam pela memória e pelo teor político da história de seu país, onde cada um vivenciou – de forma particular – um contexto histórico.

Contudo, no decorrer na vivência desse casal, o romance é posto em xeque até então não pelo teor político de suas vidas, mas por falta de diálogos, reciprocidade e rotina. Assim, Hanna vai embora e ambos seguem individualmente suas vidas, mas estas, altamente marcadas uma pelo outra. Anos depois – em 1966 – Michael se encontra cursando Direito na faculdade, e em umas dessas aulas o debate gira em torno da culpa germânica acerca do Holocausto, tema este, em alta devido as atrocidades cometidas pela Alemanha em guerra e pelos julgamentos dos perpetradores que continuaram a acontecer anos após o fim do conflito. Como debatido pelo historiador Tony Judt (2007) após a Segunda Guerra Mundial tribunais internacionais, nacionais e militares conduziram julgamentos de dezenas/milhares de acusados dos crimes de guerra. Tais esforços para punir os perpetradores de crimes da era nazista continuam até a atualidade¹⁰⁶ e foram pensados após o fim da conflagração a fim de:

Que os governos da Europa libertada tivessem legitimidade, para que pudessem reivindicar a autoridade de Estados devidamente constituídos, foi necessário, primeiramente, lidar com o legado dos regimes infames instalados durante a guerra. Os nazistas e seus parceiros tinham sido derrotados, mas, em vista da escala dos crimes por eles cometidos, derrota, evidentemente, não bastava. Se a legitimidade dos governos do pós-guerra dependia apenas da vitória militar sobre os fascistas, em que medida eram melhores do que os regimes dos tempos de guerra? Era importante classificar como crimes as atividades desses últimos regimes e puni-los com o devido rigor (JUDT, 2007, p. 63).

¹⁰⁶ JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma História da Europa desde 1945**. Editora Objetiva: Rio de Janeiro. 2011, p. 63.

É nesse ambiente de veredictos e embates da memória que uma nova etapa do filme se inicia, sendo esta, marcada por um alto debate historiográfico. Durante uma das aulas da faculdade de Direito, Michael e seus colegas são levados para um tribunal onde se desenrola uma audiência de perpetradoras nazistas, nesse contexto, quatro mulheres estavam sendo acusadas pelo seu colaboracionismo com o regime nazista e o holocausto, visto que, essas enquanto guardas da *SS (Schutzstaffel)*¹⁰⁷ em campos de concentração promoveram diversas atrocidades para com mulheres judias durante o desenrolar da guerra. Para surpresa do protagonista, umas das acusadas desses crimes hediondos é Hanna Schmitz, que permeada por uma ideologia intrínseca nos seus ideais e por uma banalização do mal¹⁰⁸ pouco tenta se defender, e atrela seus atos a frases como “estavam precisando de guardas” e “fiz o que tinha que ser feito”. Para Hanna, trabalhar em um dos maiores e mais violentos campos de concentração como *Auschwitz* e levar milhares de prisioneiras para Oeste nas conhecidas marchas da morte eram apenas dever do ofício e a oportunidade que lhe foi dada¹⁰⁹. Segundo a historiadora e pesquisadora do Holocausto Wendy Lower no livro *As mulheres do Nazismo* (2014):

Toda a história pós-guerra de mulheres perpetradoras foi tão política quanto judicial. Os contextos das investigações [...] tiveram grande importância e podiam determinar quem era investigado, quais depoimentos e evidências seriam colhidos e quais seriam considerados acreditáveis, quais crimes seriam julgados e se os juízes dariam sentenças rígidas ou moderadas. As mulheres alemãs foram apanhadas nessa rede emaranhada da justiça nacional e internacional (LOWER, 2013, p. 213).

Essas perpetradoras¹¹⁰, que além de guardas – como é o caso de Hanna e as colegas – eram também professoras, enfermeiras, secretárias, datilógrafas, esposas de oficiais e dentre

¹⁰⁷ Tropa de elite do governo nazista, na qual, seus integrantes eram selecionados pela “pureza racial” e pela fidelidade incondicional ao partido.

¹⁰⁸ De acordo com a filósofa política Hannah Arendt, em seu livro *Eichmann em Jerusalém* (1963) a violência vivida nos tempos de guerra, gera uma sociedade brutalizada, essa normalização e negação da violência gera um fenômeno conhecido como “banalidade do mal”, no qual, os indivíduos se recusam a entender as dimensões dos seus atos, se tornando assim massas banais, que realizam ações sem medir ou refletir as suas consequências, estando predispostos a realizar as piores práticas por visualizá-las como triviais – ou necessárias. Para saber mais: ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

¹⁰⁹ “Para essas mulheres, a nova ordem trouxe a chance de mais liberdade e poder individual num Ocidente que não modernizava”, ademais, “Foi nessa Alemanha, com todas as contendas e inseguranças de incessantes práticas eleitoreiras, inflação disparada e todos os prospectos confusos e estimulantes da modernidade, que a maioria das mulheres que viriam a participar do projeto genocida de Hitler cresceram e se tornaram adultas”, sendo Hanna Schmitz um exemplo dessas mulheres filhas do nazismo. (WENDY, Lower. **As Mulheres do Nazismo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2014, p. 28-31).

¹¹⁰ “Em estudos sobre o Holocausto, um tipo de perpetrador é o matador burocrático, o assassino de escritório. Ele comete genocídio dando ou transmitindo ordens escritas [...] o assassino de escritório cumpre seu dever oficial. E

outras profissões e papéis exercidos. Essas mulheres do nazismo, não eram sociopatas marginais, elas apoiavam suas ações em ideologias do partido, acreditando que suas ações violentas reverberavam vinganças justificadas contra inimigos do Reich. Voltando ao filme, as colegas de Hanna também julgadas buscam atrelar a culpa dos atos apenas para a ela, sendo assim, no processo de julgamento as mesmas tomam para si a caracterização do ser mulher atrelada a estereótipos de gênero. Uma delas, durante a audiência faz um sapatinho de bebê no tricô, a outra já com cabelos brancos, toma para si o papel de idosa frágil que não sabe o que está acontecendo.

Assim, buscando apresentarem características maternais e dóceis essas mulheres buscam se inserirem no mito da mulher apolítica, sendo este, dentre os vários mitos do pós-guerra, um dos mais difundidos e que acabou por interferir na culpabilização de milhares de mulheres. Pois, nesse viés, “elas não viam – ou talvez preferissem não ver – que o social se tornou político, que sua aparentemente pequena contribuição às operações de rotina nas organizações governamentais, militares e do Partido Nazista, se somavam ao sistema genocida”¹¹¹.

Alicerçado nesses acontecimentos, o filme segue os dias do julgamento. Nestes, fica claro para Michael que as colegas de Hanna queriam transformá-la na única culpada, bem como, que Hanna não conseguia se defender das acusações e das possíveis fraudes nas assinaturas em documentos oficiais pelo fato de a mesma não saber ler e escrever – advém daí a fixação que a mesma tinha para que ele sempre lesse para ela. Partindo desse entendimento, o longa passa a focar nas reflexões e dilemas de Michael Berg, que se dividiam entre contar a verdade e diminuir a sentença de Hanna, ou deixa-la pagar em amplitude pelas atrocidades cometidas. Ele, para tomar suas decisões recorre as fontes, a memória, e após uma visita a Auschwitz, ele se decide. E após se calar, Hanna é condenada à prisão perpetua – enquanto as demais acusadas tem breves punições. Tal debate acerca da importância se faz de extrema relevância no filme, pois, é através desses julgamentos, das reflexões e das punições que memórias coletivas e individuais acerca dos horrores desse período puderam ser criadas.

Após a sentença, o filme se desenrola em pequenos contatos entre os protagonistas. Bem como, na abdicação de Hanna a liberdade, por medo de como seria a vida em sociedade após a mesma reconhecer as dimensões dos seus atos. Porém, outro ponto que merece destaque na

se convence de que, enquanto ordena a morte de dezenas e de milhares, ele continua decente, civilizado e até inocente do crime” (WENDY, Lower. **As Mulheres do Nazismo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2014, p. 112).

¹¹¹ WENDY, Lower. **As Mulheres do Nazismo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2014, p. 23.

obra é uma conversa que ocorre entre Michael e uma sobrevivente do Holocausto e filha de uma vítima das atrocidades de Hanna. A partir dessa conversa, é importante destacar que a guerra vivenciada pelas mulheres alemãs não se fez apenas de perpetradoras e seguidoras assíduas do regime nazista, mas se fez também de opositoras¹¹² e também de vítimas, como é o caso das judias-alemãs¹¹³ em grande maioria mortas por esse regime. Ademais, é importante destacar que a premissa do filme se atrela a estudos históricos sobre o Holocausto e o genocídio, e que em consenso entendem que:

Os sistemas que tornam possíveis o assassinato em massa não funciona sem a ampla participação da sociedade e, no entanto, quase todas as histórias sobre o Holocausto deixam de fora metade da população dessa sociedade, como se a história das mulheres acontecesse em algum outro lugar (WENDY, 2014, p. 26).

Em síntese, o filme *O leitor* prende o espectador pelo romance, pelo mistério e pelas reflexões levantadas. O mesmo, une aspectos que humaniza – apresentando contextos e motivações – e nuances que culpabilizam – expondo culpados e vítimas. Contudo, o seu ponto chave (que muitas vezes passa despercebido pela crítica) é o de trazer a tona em um filme que debate os acontecimentos da Segunda Guerra a participação feminina. Essa película, consegue apresentar para quem a assiste o papel das alemãs na guerra de Hitler, que foram muito além do que auxiliares do front doméstico, visto que, a Alemanha durante a guerra produziu outro tipo de caráter feminino, o da expressão e do ativismo das mulheres em uma espécie violenta e perversa – que não engloba a todas – mas evidencia que genocídio também é desencadeado por mulheres, e que a fragilidade e o teor apolítico atrelado ao feminino são construções de gênero e mitos patriarcais.

3.2.2. O caso francês a partir do filme *As mães do Terceiro Reich* (2012)

As mães do Terceiro Reich (*Malgré-elles* no original) é um filme francês, lançado em 2012 e dirigido por Denis Mallevial. O mesmo, abarcando o gênero de guerra e drama histórico é inspirado no livro *Malgré-elles* (2001)¹¹⁴ da escritora Nina Barbier, que conta a história de

¹¹² “A generalização, a inclusão de todas as mulheres alemãs, certamente deve ser evitada”. (WENDY, Lower. **As Mulheres do Nazismo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2014, p. 26).

¹¹³ Para saber mais: HELM, Sarah. **Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres**. Record: São Paulo, 4ª Ed, 2017.

¹¹⁴ A obra retrata a vida de “milhares de jovens da Alsácia e Mosella – regiões anexadas ao Terceiro Reich – que foram incorporados à força na terrível máquina de guerra nazista. O reconhecimento de seu status foi uma longa luta. Após a derrota de 1940, Alsacianas e Moselles tiveram que servir contra sua vontade em postos de trabalho alemães, desempenhando as mais diversas atividades (elas trabalhavam em fazendas, em fábricas de munições, no departamento de comunicações, ou como babás para notáveis alemães. Neste livro de testemunhos, elas recontam, com modéstia, emoção e às vezes humor, seus destinos como jovens mulheres da Alsácia e Mosela no coração da

vida vivenciada por sua mãe durante a Segunda Guerra. No que concerne a película, ela narra momentos da vida de duas jovens francesas – Alice Fabre (Flore Bonaventura) e Lisette Weiss (Louise Herrero) – da região da Alsácia, principalmente as suas vivências a partir da incorporação forçada destas no esforço de guerra francês influenciado pelo domínio alemão.

Inicialmente, o filme apresenta ao espectador uma inserção no momento histórico no qual o mesmo se insere, desse modo, ele inicia com um discurso de apresentação de Hitler em um comício na França, e em paralelo no plano das imagens é exibido cortes de Hitler e demais oficiais nazistas percorrendo os pontos turísticos de Paris. Tal recorte, faz referência ao processo de tomada da França pelos nazistas a partir de 1940, em especial no filme, o ponto evidenciado é a anexação da Alsácia pelos nazistas – região fronteira entre França e Alemanha. Após essa junção forçada, os moradores dessa região (e de demais regiões dominadas) são forçados a agirem como alemães na fala, cultura e ideologia, transformação essa, incorporada forçadamente para a grande maioria da população. Nesse contexto, o longa apresenta a região da Alsácia sob jugo nazista em 1943, na qual, jovens mulheres estão sendo mobilizadas para campos de treinamento alemão – algumas de forma voluntária, mas a grande maioria de forma imposta.

Em sequência, o filme passa a mesclar passado e presente, e a narrativa da trama vai sendo contada por Alice no futuro, assim, a mesma apresenta as personagens principais inseridas de formas distintas nesse processo, visto que, Lisette era filha de franceses pró-nazistas, e desde a sua criação participou de organizações como a da *Juventude Hitlerista*¹¹⁵ para servir os ideais alemães, já Alice – que vê a mudança forçada até no nome, que de Alice Fabre passa a ser chamada de Alice Faberlich – está sendo mobilizada contra a sua vontade, bem como, advém de uma família mal vista pelo Reich, já que seu pai foi preso acusado de traição. Ambas, mesmo partindo de concepções diferentes do governo vigente e de seus papéis para com ele, são enviadas para um dos campos de treinamento alemão vinculados ao *RAD* (*Reichs Arbeits Dienst – Departamento de Trabalho do Reich*)¹¹⁶, no qual, receberam

Europa em guerra”. Para saber mais: BARBIER, Nina. **Malgré-elles: Les Alsaciennes et Mosellanes incorporées de force dans la machine de guerre nazie**. La Nuee Bleue, França, 2001.

¹¹⁵ Do ponto de vista do historiador Claude Quézel: “Nos países do Eixo, a incorporação militar da juventude se dirigiu também as moças. Na Alemanha nazista, as inscrições das meninas começaram desde a escola primária, com orações tradicionais sendo substituídas por orações ao Führer”. Um exemplo dessas organizações foi a *Juventude Hitlerista*, instituição responsável por treinar adolescentes alemães – e dos países conquistados – de 6 a 18 anos para servirem os interesses nazistas (QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 148).

¹¹⁶ Foi criado em agosto de 1935 na Alemanha, de início se destinava a rapazes que pretendiam prestar serviços militares, mas com a eclosão da guerra em 1939 e a necessidade de mão de obra, o setor foi estendido às jovens de 20 anos, assim, o trabalho feminino alemão se tornou rapidamente obrigatório **IDEM**, p. 79).

uniformes, passaram por rotinas de trabalho, ginástica, treino e demais atividades durante três meses para estarem aptas a servir a nação. É importante destacar, que essa rotina de treinamento refletia o lema “corpo esportivo, corpo fértil” difundido sobretudo pelos países do Eixo, pois, “mesmo que a educação física e a ginástica fossem instituídas como salutareis, e até obrigatórias” isso ia além de uma questão de saúde, mas apresentava uma ordem estética e de estereótipos de gênero, já que, a preparação dessas jovens tinham como objetivo a exaltação do corpo feminino a partir do padrão do belo, da magreza, visando assim, um embelezamento da raça, e consequentemente o da maternidade futura¹¹⁷.

Na trama, nos momentos iniciais, Alice e Lisette mesmo advindas da mesma região não mantêm um vínculo de amizade por questões familiares e políticas, mas no desenrolar dos acontecimentos, a amizade das mesmas se torna um dos pontos fortes e emocionantes da película, já que, se evidencia que ambas são vítimas da política do Reich, cada uma a sua maneira.

Desse modo, findo o período de treinamentos dessas jovens todas recebem convocações de trabalhos – estes dos mais variados e fiéis aos trabalhos que realmente foram desempenhados na guerra – dessa forma, mesmo a contra gosto da maioria, essas mulheres passam a servir a Alemanha no esforço de guerra desempenhando papéis de enfermeiras, municionistas nas fábricas de armamentos, telegrafistas, trabalhos em casas de oficiais e até condutoras de ferrovias. As personagens principais (Alice e Lisette) são enviadas a uma fábrica alemã de munições, em que, as mesmas vivenciando extensas jornadas de trabalho, insalubridade, pressão e violência por meio de oficiais realizam o trabalho, desse modo, o filme caracteriza a realidade vivenciada por muitas mulheres francesas – e de todos os países envolvidos no conflito – no desenrolar da conflagração.

Em vista disso, é nesse novo espaço de trabalho que uma nova fase da vida das mesmas se inicia. Alice passa a conhecer o Major Steiner – responsável pelo comando da fábrica na qual ela trabalha – e ambos passam a desenvolver de forma lenta um romance, porém, as posições de ambos, bem como, a nacionalidade e as ideologias são um fator de resistência para o desenrolar do romance, mas Steiner é retratado no filme, como um oficial que não compactua com a forma violenta que o Reich se consolida, deixando margem assim, para uma conciliação entre os personagens.

¹¹⁷ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 26.

Contudo, o romance não é a premissa principal da obra e nem da análise do presente trabalho, um acontecimento que marca os rumos do filme é a acusação sofrida pelas personagens, na qual após uma explosão na fábrica – que deixa feridos – as duas são acusadas injustamente de sabotagem. No contexto do conflito, pessoas acusadas de sabotagem eram julgadas pelos comitês de guerra, e a pena em caso de confirmação era a morte. Partindo desse ponto, elas são levadas da fábrica com a justificativa de serem julgadas, mas o oficial que ficou responsável por tal feito leva as mesmas para uma maternidade do Reich. Lisette, por apresentar traços arianos bem definidos – branca, loira, magra – é destinada ao posto de enfermeira e a uma série de privilégios nesse espaço, incluindo consultas médicas para atestarem sua saúde e um bom histórico familiar. Já Alice, por não atender os padrões das mulheres do Reich e alocada como empregada nesse espaço.

Destarte, o longa passa a caracterizar apoiado na vivência dessas personagens o papel que era atrelado as mulheres – principalmente as alemãs, francesas, italianas e demais vinculadas ao Reich – nesse regime. Sendo essa maternidade, nada mais que um dos centros reprodutores criados pelo nazismo para aumentarem a natalidade da nação, criando a partir dessas reproduções induzidas e até forçadas um exército ariano que viria a fortalecer o país. No filme, esse espaço se marca por mulheres viúvas grávidas, ou jovens com gravidez indesejadas e demais mulheres que de forma a colaborar com o Reich engravidavam dos oficiais para gerarem os bebês SS – crianças que ao nascer são tiradas das mães e levadas para servirem o partido.

Ademais, crianças polonesas e de demais regiões conquistadas que seguiram o padrão físico do arianismo eram sequestradas dos seus países e famílias e levadas para adoção e experimentos na Alemanha, sendo estas, obrigadas a esquecerem sua família, seus costumes e até os seus verdadeiros nomes. De tal modo, através da película fica evidente na prática o lema alemão de “mães acima de tudo” difundido pelo nazismo, onde a natalidade, a multiplicação de descendência e fortalecimento da família era um papel direcionado – muitas vezes de forma forçada – a essas mulheres, pois, para eles “a responsabilidade da vida nacional dependia diretamente da mulher, e a mulher estava diretamente envolvida na vida do Estado”¹¹⁸.

Dessa maneira, ao descobrirem do que se tratava aquele espaço, Alice e Lisette se organizam para fugir, mas não conseguem antes de Lise sofrer as consequências injustas daquele local. A mesma, acaba por engravidar e gerar em si um filho SS fruto do estupro, que

¹¹⁸ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 14.

passa a desencadear na mesma uma série de surtos e demais problemas psicológicos. Porém, aproveitando uma oportunidade propícia ambas conseguem fugir, e com a ajuda do Major Steiner se abrigam em um convento, onde meses após, Lisette dá à luz a sua filha, mas devido a todos os traumas desse processo a mesma acaba por tirar a própria vida, deixando o bebê sob responsabilidade de Alice. Essa criança, Justine, é criada por Alice e Steiner – que se casam – e ao fim da guerra, mesmo com as dificuldades de inserção social (devido às suas ligações com o Reich) conseguem viver uma vida normal. Justine, aparece no longa conversando já adulta com a Alice do futuro, e essa conversa se torna altamente relevante pois mostra o poder e a necessidade da memória, que através de escritas, conversas e relatos se perpetua, e não deixa atrocidades como essa caírem em esquecimento.

Em suma, o filme se permeia por angústias, amizade, romance e representações históricas. O mesmo evidencia como a guerra foi apropriada e forçada de forma distintas para as mulheres que nela atuaram. Para algumas – aqui representando o caso das alsacianas – o conflito não foi sinônimo de emancipação, e sim, de violência, estupros e tragédias. Ademais, o longa expõe como muitas das mobilizações de mulheres no esforço de guerra para servirem seus países não representavam a valorização do potencial político, corporal e de inteligência delas, e sim a concepção desses espaços do ser mulher que “casa, cuida da família, da nação e dos filhos”. Por fim, essa película foi realizada para que histórias como essa não se esqueçam, e que o alistamento forçado dessas mulheres sejam reconhecidos e debatidos pela História.

3.2.3. O caso soviético a partir do filme *A batalha de Sevastopol* (2015)

O filme russo/ucraniano *A batalha de Sevastopol* (*Bitva za Sevastopol*, no original) lançado em 2015 e dirigido por Sergey Mokritskiy, abarca no seu desenrolar elementos biográficos, de guerra, drama e romance. O longa, a partir do viés biográfico conta a história de Lyudmila Pavlichenko¹¹⁹, que se tornou uma renomada franco-atiradora soviética durante a Segunda Guerra Mundial, feito este, que a fez ser conhecida como “*Lady Death*” (*Dama da morte*).

A película tem início apresentando Eleanor Roosevelt¹²⁰ (Joan Blackham) em Moscou no ano de 1957 com intuito de visitar as autoridades locais e Lyudmila Pavlichenko (Yuliya Peresild). Desse plano, o longa começa a contar a história de Lyuda (Lyudmila), apresentando-

¹¹⁹ Para saber mais: PAVLICHENKO, Lyudmila. **Lady Death: the memoirs of Stalin's Sniper**. Greenhill Books, 2018.

¹²⁰ No contexto do longa, Primeira-dama dos Estados Unidos – esposa de Franklin Roosevelt. Sua trajetória foi marcada por grande atuação política, principalmente ligada a causas de igualdade e dos Direitos Humanos.

a de forma inicial em uma conferência nos Estados Unidos em 1942 – onde ela e demais comissários russos foram enviados para debater com o mundo os rumos do conflito, como também, pedir apoio financeiro para os Aliados na guerra contra o Eixo.

Durante a assembleia, a então Primeira-dama dos EUA recepciona – ao lado da imprensa - os visitantes soviéticos, além de buscar saber dos seus feitos em campos de batalha. Nesse ínterim, onde cada oficial apresenta o número de soldados mortos em combate Lyudmila choca Eleanor pelo seu desempenho e participação (principalmente por ser uma mulher sniper que lutou nas linhas de frente) ao se apresentar dizendo que não matou homens, apenas fascistas – e seu saldo sendo 309 deles. É nessa visita (como bem retratado no filme) que Lyudmila é convidada por Eleanor para se hospedar na Casa Branca, momento este emblemático, pois a mesma se tornou a primeira cidadã soviética a entrar nesse espaço sem a delegação. A partir do panorama apresentado na conferência, o filme se transporta para o passado da personagem, em busca de contar a sua trajetória, e como a mesma chegou a esse patamar.

Por conseguinte, o filme retorna a Kiev em 1937, de forma a destacar, a Universidade Estadual de Kiev. Na qual, Lyuda e demais colegas foram aprovados no vestibular para cursarem História. Para mais, o pai da personagem (major da NKVD e herói nacional pelo desempenho da Guerra Civil Russa) e a mãe (professora de Inglês) são apresentados, e a relação problemática entre Lyudmila e o pai fica clara, devido ao fato de o mesmo ter almejado um filho homem para seguir seus feitos militares.

Partindo dessa premissa, as cenas do longa mostram Lyuda como uma personagem centrada nos estudos, sem distrações de lazer como as demais jovens da época – que apresentavam por volta dos seus 19-20 anos. Algumas atividades recreativas que a jovem se permitia era frequentar o Cinema e ir a competições de tiro ao alvo, tendo a última um papel de destaque para ela. No filme, as cenas dela com os colegas nas competições de tiros evidenciam sua destreza e facilidade em lidar com as armas, bem como, a insatisfação e a incredulidade de seus amigos (homens) dos seus feitos – pelo fato dela ser mulher. Tal fator, demonstra o que muitas mulheres atiradoras de elite na guerra viveram, quanto a negação do seu potencial em uma atividade considerada socialmente masculina, tendo assim, seus feitos e qualidades relegadas a sorte, a boatos e a estereótipos femininos.

Após a crescente destaque de Lyuda nas competições de tiros, a película apresenta um fator determinante de desconstrução de estereótipo feminino, no momento em que a mesma é convocada por oficiais militares a frequentar durante 6 meses um curso de atiradores, do qual,

a mesma sai pós-graduada em tiros de precisão. Questionado sobre a participação da filha nessa preparação militar, o pai de Lyudmila diz que “na guerra o pior acontece as mulheres, e em breve, haverá outra guerra”, deixando nas entrelinhas a importância de jovens como a filha aprenderam a autodefesa e a defesa da nação. Após o curso, ela volta a frequentar em 1941 faculdade de História, do mesmo modo que, começa a desenvolver um romance com irmão de uma de suas colegas, o médico Boris. Porém, nenhuma das duas ações se concluem nesse período, devido a deflagração de guerra por parte da União Soviética ao Eixo, devido a ataques alemães em seus territórios. A partir disso, mesmo ao ouvir que “guerra não é lugar de mulheres” Lyudmila Plavichenko – assim como demais mulheres da URSS – decidem fazer sua parte em prol do país.

Consequentemente, o longa apresenta essas mulheres em centros de treinamento, nos quais as mesmas passam a enfrentar o convívio direto com os homens e os demais percalços da guerra. Nesse processo de treinos – em específico no filme a preparação dos snipers – essas mulheres aprendiam táticas de camuflagem, como correr, pegar em armas, atirar, mais acima de tudo eram ensinadas a virarem soldados, sendo impostos para as mesmas abdicar do seu status de “mulher”.

Tal episódio é evidenciado na cena na qual as mesmas passam a serem proibidas de usarem calcinhas, e tem seus pertences pessoais como ursos, maquiagens, vestidos e sapatos de salto queimados pelos oficiais em uma fogueira. Outra cena que retrata esse viés é quando ao usar um vestido e batom durante a conferência nos EUA Lyudmila é questionada por tal posicionamento, visto que, a mesma não se trata de uma mulher, e sim, de uma “combatente soviética”. Tal elemento é apresentado por Svetlana Aleksiévitch (2016) através do relato da capitã da força aérea Klávdia Ivánova Térekhova:

As meninas vinham para a escola com tranças longas... Com penteados... Eu também usava uma trança em volta da cabeça... Mas como ia lavar? Onde secar? Você tinha acabado de lavar e vinha um alarme, precisava sair correndo. Nossa comandante, Marina Raskova, mandou todas cortarem as tranças. As meninas cortavam e choravam. (...) De dia usávamos botas, e de noite, nem que fosse um pouquinho, calçávamos os sapatos na frente do espelho. Raskova viu, e uns dias depois veio a ordem: devíamos mandar toda a roupa feminina para casa nas remessas (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 99).

No relato, pode-se perceber que não deveria haver relutância, que elas deveriam abdicar desses elementos e pensar unicamente na guerra. Porém, tal abdicação apresentou fortes reflexos no pós-guerra, pois muitos homens passaram a evitar tais mulheres pelos seus feitos e

espaços conquistados, ademais, com relação a se adequar as antigas vestimentas também foi um processo, visto que, elas precisavam começar tudo de novo, como é possível observar em um dos relatos de uma antiga combatente: “reaprendi a andar de sapatos: no front, passei três anos usando botas. Estava acostumada aos cintos sempre apertados, e agora achava que todas as roupas pareciam um saco, me sentia incomodada. Olhava com horror para uma saia... Para um vestido”.

Voltando a trama do filme, após os treinamentos, Lyuda e as demais colegas são convocadas a linha de frente¹²¹, onde passam a desempenhar seu papel enquanto franco-atiradoras. De forma inicial a hesitação diante de promover a morte de alguém acontece, mas no decorrer do filme tal feito para a personagem passa a ocorrer no automático, fazendo com que suas ações servissem como exemplo para milhares de combatentes, que buscavam seguir os passos da Dama da Morte. Partindo dessa ideia de treinamento e recrutamento das mulheres soviéticas, Svetlana destaca o relato da cabo e franco-atiradora Maria Ivánovna Morôzova:

A guerra estava durando... Minhas amigas... As meninas diziam: “tem que ir para o front”. Isso já estava pairando no ar. Todas nos alistamos no curso do centro de alistamento. Talvez alguma tenha se alistado para ir com outro grupo também, não sei. Lá, nos ensinavam a atirar com metralhadora de guerra e jogar granadas. A primeira vez... Admito que eu tinha medo de segurar uma metralhadora, era desagradável. Não conseguia imaginar que iria matar alguém, só queria ir para o front [...] não era só eu... todas as meninas manifestavam o desejo de ir para o front (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 46-47)

Para além dessa vontade de servir a nação e ir para o front, o filme destaca também, como essa atuação de Plavichenko – assim como a de muitas outras jovens – não se marcou apenas por conquistas e vitórias, e mas se marca também por diversos traumas no desenrolar da guerra, sendo esses físicos e mentais. Principalmente no que se refere ao lado sentimental, pois, como é apresentado no filme, os seus envolvimento amorosos acabaram com sempre com a perda.

Seguida da apresentação da atuação da personagem em diversas batalhas, bem como, a vivência da mesma nesse processo, o filme expõe a batalha que lhe dá nome, a defesa da região de Sevastopol que perdurou por meses. Nela, Lyudmila continuou a atuar como sniper e

¹²¹ Segundo Beate Fieseler, M. Michaela Hampf e Jutta Schwarzkopf (2014): “cerca de um milhão de mulheres soviéticas estiveram envolvidas nas forças armadas e 500 mil serviram como soldados. Destas, cerca de 120 mil atuaram em posições de combate – atiradoras, pilotos, condutoras de tanques e como parte da artilharia (FIESELER, Beate; HAMPF, M. Michaela; SCHWARZKOPF, Jutta. **“Gendering combat: Military women's status in Britain, the United States, and the Soviet Union during the Second World War”**. In Women's Studies International Forum, v. 47, 2014).

promover baixas significativas para a URSS, mas após estar esgotada de forma mental e física, a mesma é afastada do serviço militar – mesmo contragosto de muitos oficiais, que queriam que esse símbolo continuasse a influenciar os soldados nos campos. Por fim, o filme apresenta essa personagem permeada por angústias, traumas, expectativas – suas e da nação – e feitos, que mesmo após afastar-se dos campos de batalha, continuou a atuar nos rumos da guerra a partir do viés diplomático e dando aulas como instrutora em uma escola de franco-atiradores. Além disso, com o fim do conflito, Plavichenko consegue finalizar seu curso em História, como também, é condecorada com o mais alto grau de Herói da União Soviética.

De forma a analisar, é possível observar como esse filme conta muitas histórias. A história de uma guerra. A história a partir do viés soviético. A história de Lyudmila Plavichenko, e assim, a história das mulheres na guerra. “O que elas são, russas ou soviéticas? Não, elas foram soviéticas, e também russas, bielorrussas, ucranianas, tadjiques”¹²² e muito mais. De tal forma, o longa consegue apresentar ao espectador, que o feminino de muitas palavras nasceu lá, na guerra, de tal modo que, a partir da participação destas no esforço de guerra, hoje se tem conhecimento de mulheres que atuaram como: cabos, franco-atiradoras, aviadoras¹²³, enfermeiras, sargentos, motoristas, controladoras de tráfego, capitãs, médicas, mecânicas, telefonistas, pilotos, administradoras, instrutoras, criptógrafas, batedoras, partisanas, fuzileiras e entre outros papéis que evidenciam como “as mulheres soviéticas ocuparam de fato quase todos os postos de combate dos homens” e como as mesmas “quiseram provar que, nesse período difícil da história do país, sabiam bater-se tão bem como os homens”¹²⁴. Assim, a película se torna uma grande aliada para quem busca conhecer através da história de vida de Lyudmila Plavichenko uma guerra também feita de mulheres.

3.2.4. O caso britânico a partir do filme *As espãs de Churchill* (2019)

As espãs de Churchill (no original, *A call to Spy*) é um filme norte-americano roteirizado por Sarah Megan Thomas e dirigido por Lydia Dean Pilcher. O longa-metragem foi

¹²² ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23.

¹²³ Com relação as aviadoras o papel das mulheres soviéticas foi de destaque, já que, “não menos de três regimentos exclusivamente femininos combateram nas forças aéreas do Exército Vermelho. Algumas delas se tornaram lendas, como é o caso do 588º regimento de bombardeio noturno, que totalizara no fim da guerra 24 mím incursões, e que se tornou especialmente temido pelos alemães. Para aproximarem-se silenciosamente de seus alvos, as pilotas não hesitavam em desligarem os motores dos aviões, manobra particularmente arriscada” e que geravam barulhos estranhos no ar, assim, passaram a ser conhecidas como feiticeiras/bruxas da noite. Para saber mais: ARMENI, Ritanna. **Bruxas da Noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo durante a Segunda Guerra Mundial**. Seoman Editora, 1ª Ed, 2019.

¹²⁴ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 176.

lançado em 2019, e transpondo elementos dos gêneros biografia e drama de guerra apresenta ao telespectador uma história baseada em fatos reais, na qual, mulheres são convocadas para atuar no esforço de guerra britânico, em específico, nos setores de inteligência e espionagem. Assim, dividido em três momentos (recrutamento, treinamento e atuação) o papel decisivo dessas mulheres nos rumos da guerra é evidenciado.

De forma inicial, o filme apresenta seu marco temporal e as motivações pelos quais se desenrolará, de tal modo, no ano de 1941 a Inglaterra está sobre tensão, por conta do desenvolvimento da guerra e principalmente pela tomada da França pelos nazistas, o que acaba por influenciar o então Primeiro Ministro Winston Churchill a investir ainda mais nas esferas de inteligência, espionagem e de setores derivados, para que assim, conseguisse conter o avanço nazista que os ameaçavam.

Partindo dessa pressuposto, a personagem Vera Atkins (Stana Katic) uma agente britânica – de descendência judia – do setor *Executivo de Operações Especiais (Special Operations Executive - SOE)* é destinada pelos seus superiores (e seguindo ordens do primeiro ministro) a recrutar um seleto grupo de mulheres para atuarem como espiãs na seção francesa do SOE, visto que, naquele momento do conflito a dificuldade de espiões experientes estarem disponíveis era nula, sendo necessário assim, o recrutamento e por conseguinte o treinamento de amadores.

Na trama, ao ser destinada a essa missão, Vera ouve dos seus superiores que “Churchill foi relutante, mas concordou, pelo simples fato das mulheres serem menos suspeitas” para realizarem tais feitos. Ademais, que as mesmas precisariam ser bonitas e fortes para terem sucesso nas missões. Estes elementos do filme, evidenciam que além de serem uma mão de obra necessária no momento – visto a escassez de homens para realizar tais tarefas – essas mulheres por estarem imersas em uma concepção social de serem seres dóceis, passivas, apolíticas e entre outras características, acabavam por gerar menos suspeitas de suas participações no conflito. Além de que, o papel de espionagem era melhor desenvolvido por mulheres por elas desenvolverem com facilidades algumas das transformações necessárias exercerem esse papel. De acordo com a historiadora Raquel Anne Lima de Assis (2018)¹²⁵:

Apesar destes exemplos serem aplicados para ambos os sexos, alguns eram exclusivos às mulheres. As transformações nos cabelos eram um dos truques mais simples e efetivos, com

¹²⁵ ASSIS, Raquel Anne L. **O agir nas sombras dos serviços secretos britânicos e norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial**. Revista HOPLOS, vol. 2, nº 1, 2018, p. 104.

diferentes tipos de penteados e utilizando recursos que nem sempre precisavam recorrer a um salão. Uso de maquiagem, tendo atenção porque em algumas partes do mundo era proibido, poderia alterar as linhas e formas dos lábios e sobrancelhas. Se não quisesse ser notada uma espiã deveria se esforçar para parecer tímida, velha ou triste. Caso contrário, com ar de glamour, um especialista em maquiagem ajudaria. Também uma mulher de 30 ou 40 anos poderia parecer mais velha utilizando roupas mais escuras, um vestido cinza ou terno; retirando placas dentárias removíveis; com o uso de 105 cabelos brancos ou grisalhos; e sem esquecer das mãos e pescoço, que deveriam estar em conformidade. Até mesmo o caminhado deveria ser observado para melhor incorporar o personagem (ASSIS, 2018, p. 104).

A partir desses elementos as mulheres ao longo da guerra tiveram êxitos no empreendimento dessa função de espiãs. No longa, após Vera Atkins ser destinada a missão de mobilizar mulheres capazes de desenvolverem tais funções o recrutamento e treinamento se inicia, sendo assim, nos treinos as mesmas aprendem técnicas de defesa pessoal e de resistência a torturas, como também, tem treinamentos técnicos voltados para siglas, códigos e instrumentos de comunicação como o telégrafo. E apesar das reticências sociais quanto a capacidade dessas personagens, bem como o machismo sofrido por permearem esses meios até então masculinos, duas personagens se destacam e tomam pra si o enredo do longa, sendo elas, Virginia Hall (Sarah Megam Tomas, que além de roteirista atuou como atriz no filme) e Noor Ynayat (Radhika Apte), sendo essas personagens que no filme e na vida real tiveram papéis de destaque em prol dos aliados. Quanto aos objetivos, essa mobilização e formação dessas mulheres contava com o intuito de através de sabotagens, subversões, troca de informações confidenciais e entre outros meios potencializar a resistência francesa perante o julgo nazista.

Virginia Hall e Noor Yanayat se destacaram em seus treinamentos, no filme, a trajetória de vida individual das mesmas é apresentada, bem como os motivos que as levaram a ingressarem no esforço de guerra. Mas de forma geral, ambas se apresentam na trama como mulheres fortes, que se alistaram para fazerem a sua parte, pois, não podiam ficar paradas vendo o que os nazistas realizavam. Virginia¹²⁶, uma norte americana, com deficiente física (usava uma prótese devido a uma perna amputada) e que almejava um dia se tornar diplomata – com inúmeras tentativas sem sucesso – é enviada a França e se destaca em suas atividades como espiã, passando a ser uma das maiores espiãs já existentes e uma das mais procuradas pela Gestapo. Noor, uma princesa sufista de origem mulçumana, também é enviada para a linha de frente da resistência francesa, assumindo o papel de mensageira entre espiões e a base de

¹²⁶ Para saber mais: PURNELI, Sonia. **Uma mulher sem importância: a história secreta da espiã americana mais perigosa da Segunda Guerra Mundial**. Planeta: 1ª Ed, São Paulo, 2021.

comando, se tornando assim, a melhor e a primeira mulher telegrafista a se infiltrar na França ocupada.

Expondo essas ações que mudaram o curso da guerra, o longa evidencia essas mulheres firmes nos seus propósitos e missões, e de forma simples, apresentam-nas dissociadas de maridos, de família e até de desenvolvimentos amorosos no decorrer da trama, o que acaba por fugir dos perfis “românticos” atrelados as mulheres em filmes de guerra. Assim, de forma polida e sem muita violência a película continua a acompanhar os feitos de Vera, Virginia e Noor durante o conflito, e mesmo a trama apresentando apenas atuação de mulheres como espãs, na Grã-Bretanha as mulheres foram mobilizadas pelo esforço de guerra em vários níveis e atuações¹²⁷. Nessa perspectiva, a pesquisadora Ana Claudia de Rezende (2015) evidencia que na Inglaterra as mulheres exerceram “papéis essenciais durante a Segunda Grande Guerra, tanto nos meios civis quanto militares”¹²⁸. Assim, mais de 530 mil mulheres mobilizaram-se para atuar nos serviços auxiliares e de defesa civil, número esse que só aumentou durante o desenrolar do conflito.

A partir da convocação, treinamento e posicionamento dessas mulheres em suas respectivas atuações, o filme passa a caminhar para seu encerramento, mas acompanha também os rumos da conflagração em vigência, assim, a partir de uma crescente resistência aos nazistas na França ocupada os mesmos passam a agir de forma mais rigorosa para conter o avanço de espões e demais resistentes no território. Consequentemente, o longa passa a evidenciar perseguições e mortes de espões, como também, a delação de amigos da resistência e a caça incessante por Virginia Hall e demais espãs ligadas a sua organização, nesse íterim e até o fim da trama, a mesma consegue realizar grandes feitos e fugir de várias perseguições, mas Noor não tem o mesmo destino, e através de uma traição de amigos a mesma é presa, torturada e enviada para o Campo de Concentração de Dachau, onde é morta por tiros.

Por último, a película apresenta o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos aliados, além de buscar evidenciar o quão decisivo foi o papel dessas mulheres no curso da

¹²⁷ A Grã-Bretanha figura como pioneira nessa questão, pois desde 1914 já incluía o recrutamento voluntário para as mulheres no exército, marinha e demais atuações no *Auxiliary Army Corps (WAAC)*; *Auxiliary Territorial Service (ATS)*; *Women's Transport Service (WTS)*, *Women's Auxiliary Air Force (WAAF)*, entre outros. (QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009, p. 138).

¹²⁸ MELLO, Ana C. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015, p. 52.

guerra e do futuro. Ademais, o longa apresenta como o discurso e o espaço vivido por essas personagens no conflito era permeado por machismo e por discursos capacitistas, mas mesmo dessa forma, muitas resistiram e desempenharam seus papéis, por fim, o filme acaba apresentando informações do pós-guerra para vida das três personagens principais.

Vera, foi homenageada por britânicos e franceses e continuou a desenvolver papéis decisivos no fim do conflito por meio dos julgamentos no pós-guerra. Virginia, foi a única mulher civil a ser condecorada com a Cruz de Serviço Distinto dos EUA, bem como, sua prótese foi imortalizada em uma medalha de ouro no Congresso, para mais, Hall se tornou a primeira mulher na nova organização de espionagem dos EUA, a CIA. Noor, mesmo tendo falecido, foi homenageada como a primeira heroína de guerra mulçumana da Grã-Bretanha, sendo também, condecorada com a Cruz de Jorge do Reino Unido, por tamanha resistência e bravura

Em suma, *As Espiãs de Churchill* se apresenta como um filme histórico facilmente entendido por espectadores sem grandes conhecimentos de História, por este, apresentar de forma resumida e sem maiores aprofundamentos os fatos históricos do período, e isso ocorre porque o foco da película é apresentar a atuação feminina e sua relevância, visto que, já se é variada a produção de filmes de guerra sobre batalhas e grandes líderes. Sendo assim, o longa foca nas personagens, nos seus papéis, anseios, medos e dificuldades, como também, em como a sociedade se apresentou para as mesmas nesse cenário de guerra. Por ora, o telespectador finaliza o longa entendendo que a Grã-Bretanha através do esforço de guerra feminino atuou de forma significativa no desenrolar da Segunda Grande Guerra.

3.3. Convergências e divergências de narrativas

Fundamentando-se no que foi apresentado acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial através dos filmes *O leitor* (2008), *As mães do Terceiro Reich* (2012), *A batalha de Sevastopol* (2015) e *As espiãs de Churchill* (2019), pôde ser observado como essas quatro produções cinematográficas apresentam pontos que se assemelham e divergem acerca das atuações e representações dessas mulheres durante esse período histórico. Levando isso em consideração, essas consonâncias e dissonâncias possibilitam um olhar comparado para analisar essas narrativas.

A comparação é uma prática cotidiana realizada para explicar, questionar ou observar atividades do dia-a-dia. Mas, se aplicada como estudo a mesma se impõe como método. Assim, por meio dela se torna possível entender uma situação ou objeto a partir de outro, por meio de analogias, da comparação de semelhanças e diferenças, ou percepções de modelos.

Contudo, para José D'Assunção Barros (2007) para se alcançar um “método comparativo” é necessário ultrapassar a utilização cotidiana da comparação, e chegar a um nível mais aprofundado de observação e análise. Assim, buscando se falar em uma autêntica História Comparada o historiador Marc Bloch visualizou caminhos que poderiam ser percorridos por historiadores que pretendessem usar tal comparativismo nos seus estudos, definindo assim, que tais pesquisadores poderiam se valer da comparação para analisar sociedades distantes no tempo e espaço, ou, sociedade com contiguidades espaciais e temporais¹²⁹. De tal modo, o presente trabalho de forma simples e breve preconiza a análise de sociedades contíguas, estas, próximas em tempo e espaço que exercem sobre si influências recíprocas.

De tal modo, ao pensarmos nas atuações femininas representadas pelos filmes citados acima podemos observar as seguintes similaridades: 1º) Os quatro países citados (Alemanha, França, União Soviética e Inglaterra) estavam inseridos no mesmo conflito e temporalidade, sendo ele, a Segunda Guerra (1939-1945), o que acaba por empreender a estes, mobilizações, perdas, organizações sociais, culturais e econômicas voltadas para esse momento histórico compartilhado, que mesmo ocorrendo de forma distinta, se assemelha; 2º) Apesar de terem datas de lançamentos dissemelhantes, os filmes retratados versam sobre a observação da participação feminina na Segunda Guerra a partir de um olhar e demandas contemporâneas, sendo frutos assim, de bandeiras e pesquisais atuais.

Para mais: 3º) Mesmo que de forma diferente de país para país, como é possível observar nas películas, a inserção feminina no esforço de guerra se dá em todos esses países não pela valorização da sua mão de obra e potencial, mas por uma necessidade econômica de ocupar os espaços abertos deixados pelas idas dos homens aos fronts, como também, toda essas representações e atuações das mulheres na guerra – independente de qual a nacionalidade – estão inseridas em estereótipos, patriarcalismos e demais nuances das relações de gênero.

No que tange as suas divergências, 1º) Embora inseridos no mesmo momento histórico, cada país retratado nos filmes empreende a guerra a partir de uma nuance própria (como exemplo, Alemanha e França pertenciam ao Eixo, e a União Soviética e a Inglaterra aos Aliados, dessa forma, mesmo inseridos no mesmo conflito, tais países lutavam por ideais e objetivos diferentes). Tal fator, acabava por gerar participações e ideologias diferentes as atuações femininas, que se deram de forma singular.

¹²⁹ BARROS, José D'Assunção. **História Comparada: um novo modo de ver e fazer História**. Revista de História Comparada, v. I, nº I, junho, 2007.

Para além: 2º) Outra questão que apresenta dissonâncias reverbera o esforço de guerra empreendido por essas nações, como é possível observar nas produções, mesmo que as mulheres tenham atuado em todos estes, a forma de atuação e mobilização se dava de forma variada, bem como, até como o pós-guerra se apresentava para essas mulheres era distinto – no caso das alemãs, e até mesmo das francesas, o esforço de guerra foi tardio, e com trabalhos realizados na maioria das vezes longe das linhas de frente, como também, com o fim da guerra, por se encontrarem do lado perdedor, essas mulheres passaram por julgamentos e ressocializações, que no caso nas soviéticas e britânicas não existiu, além de, os esforços de guerra nesses dois últimos países terem empreendidos de forma mais intensa, e no caso da URSS, as mulheres marcavam sua presença massiva principalmente nas linhas de frente, o que acabava por se distinguir ainda mais dos demais países envolvidos no conflito.

Consequentemente, é possível observar como essas películas – e de forma mais abrangente a Segunda Guerra Mundial – apresenta diversos nuances e possibilidades de análise, e como são variadas as formas de interpretação e de atuações acerca da participação de mulheres nesse processo. Ademais, a partir dos pontos elencados a ideia que permanece é que:

Durante a Segunda Guerra Mundial as mulheres estiveram presentes em toda parte: vítimas no caminho do êxodo e sob as bombas, pacientes nas filas, inventivas e industriosas nas privações da vida cotidiana, trabalhadora nas fábricas e nos campos [...] em todos os países, estiveram uniformizadas: auxiliares na retaguarda, mas também na linha de frente. Combateram entre guerrilheiros clandestinos e na Resistência, despertando muitas vezes até a admiração de inimigos. Foram deportadas, dando incríveis provas de força de alma, de capacidade de organização, de resistência diante as provações físicas, mas também de um poder e compaixão que levaram muitos homens a invejá-las (QUÉTEL, 2009, p. 5)

À vista disso, se torna possível visualizar as mulheres como atuantes em todas as frentes desse conflito. Muitas por escolha, outras de força forçada. Atuações essas, que vão além das empreendidas por mulheres da Alemanha, França, União Soviética, Inglaterra e Estados Unidos, mas que perpassam países como Japão, Canadá, Itália, China, Brasil¹³⁰, Coreia do Sul¹³¹ e outros mais. Feitos esses, que com o fim da conflagração se apresentou também de forma plural para essas mulheres, que como heroínas, prisioneiras, ou genocidas retornaram

¹³⁰ Para saber mais: BERNADES, Margarida M. R; LOPES, Gertudres T. **Enfermeiras do Exército Brasileiro no transporte aéreo de feridos: um desafio enfrentado na 2ª Guerra Mundial**. Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN). Brasília, jan-fev, 60(16), 68-72, 2007.

¹³¹ Para saber mais: (BRACHT, Maty Lynn. **Herdeiras do mar**. Paralela, tradução de Julia Souza, 1ª Ed, São Paulo, 2020) e (ROLIM, Maria E. Q. **As “mulheres de conforto”: o corpo como território**. Rio de Janeiro, 2018).

para a sociedade do pós-guerra. Retorno este, que se apresenta emancipatório pela conquista de direitos e também de luta por demais vitórias ainda necessárias.

Além do mais, variada não é apenas as participações, representações e atuações dessas mulheres. Mas também as produções que cada dia mais ganham espaço e notoriedade, e que buscam dar voz e narrativas as diversas dimensões dessas mulheres nesse processo. Assim, filmes como *A Espiã* (2008), *O corajoso coração de Irene Sandler* (2009), *Olga* (2004), *Contratadas para matar* (2008), *Anne Frank* (2009), *Tempos de Guerra* (2016), *Suíte Francesa* (2015) e *A menina que roubava livros* (2013)¹³² salientam como são abrangentes as possibilidades de narrativas, ficcionais ou não, acerca dessas mulheres e seu papel decisivo nos rumos do maior conflito bélico já existente.

¹³² Para mais: *Lída Baarová* (2016), *Esse viver ninguém me tira* (Documentário-2020), *Passaporte para liberdade* (Série-2021). Sendo os dois últimos, produções nacionais acerca da atuação de brasileiras durante esse período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas históricas perpassam na sua consolidação diversas transformações e perspectivas. Tornando possível – e necessário – a incorporação de novos temas e objetos a categorias analíticas de estudos nesse campo. O mesmo entendimento, pode ser transferido para a visualização dos estudos sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-45), visto que, amplas são as possibilidades, temáticas e personagens ainda ocultos na vastidão desse conflito – bem como dos relatos acerca dele.

Perante o exposto, se faz substancial pensar a escrita da História (aqui, a história da Segunda Guerra) no que toca as mulheres e as suas participações. De modo que, mesmo inseridas no esforço de guerra de modo a “substituir” os “papéis masculinos”, as atuações existiram, e por assim dizer, merecerem serem contadas. E mesmo que mobilizadas de forma a preencher espaços, suas capacidades e atuações as trouxeram destaque em muitos âmbitos, como também, as fizeram entender que aqueles espaços também eram possíveis a elas, mesmo que durante anos se prostrassem negados. De tal maneira, avaliar a guerra e a participação feminina nela diz respeito a diversidades de personagens, personalidades, motivações, contextos sociais e políticos, dessarte, ponderar a inserção destas nesse conflito não é generaliza-las, mas entende-las enquanto diversas desde o que as caracteriza enquanto “mulheres”, e também, no que afeta as necessidades, lutas e vivências plurais de cada uma.

Assim sendo, o presente trabalho a partir da utilização de produções cinematográficas – e bases teóricas – mobilizou as possibilidades de narração e interpretação desse campo para adentrar em diversas searas pouco e mal exploradas, onde se cruzam história, cinema, guerra e as participações femininas nestas. Pois, a partir de buscas a fontes variadas sobre a Segunda Guerra Mundial as perspectivas ligadas ao feminino aparecem às vezes, contudo, muitas vezes de forma pontual, com intuito de suprir “curiosidades”. Em consequência disso, essa pesquisa tem a ambição de influenciar uma maior visibilidade a narrativas históricas que restituem a inserção de mulheres na guerra, já que, durante muito tempo as mesmas foram privadas desse reconhecimento.

Em suma, a partir dessas histórias, desses filmes e de pesquisas que buscam trazer à tona o papel empreendido por essas mulheres no momento histórico aqui analisado, vislumbro empreender também no que concerne a escrita da história a reflexão de que nunca saberemos em totalidade tudo que aconteceu no curso da vida humana, assim, o trabalho de historiador(a)

continua em estradas inacabadas, em novas necessidades, amparados em novos questionamentos à velhas questões – sempre ligado a contínuas renovações.

De tal modo, caro leitor, espero que tenha entendido que essas renovações vão além dos escopos de uma história única dos indivíduos, mas objetivam o caminho da pluralidade – de culturas, sociedades, políticas, narrativas e personagens. Por fim, finalizo esse trabalho com uma epigrafe da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, além disso, encerro esse texto esperando que a escrita da História – assim como a da guerra – se faça também com escritas, relatos e atuações de mulheres.

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada [...] eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.”

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Para uma revisão das Ciências Humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres.** IN: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 9-29, 1997.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher.** Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANDRADE, Émile C; MATOS, Thayza A. **A guerra não tem rosto de mulher: o silenciamento do testemunho feminino.** In: *A expressividade e subjetividade da literatura* (Org. Fabiano Tadeu Grazioli). Editora Atena, 2019, p. 41-48.

ANDRADE, Liliane. **Cinema e Segunda Guerra Mundial: análise da divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais de Sergipe (1942-1945).** Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2019.

ASSIS, Raquel Anne L. **O agir nas sombras dos serviços secretos britânicos e norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial.** Revista HOPLOS, vol. 2, nº 1, 2018.

ARMENI, Ritanna. **Bruxas da Noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo durante a Segunda Guerra Mundial.** 1. ed. São Paulo: Seoman, 2019.

ARRUDA, J. J. A. **Contradições e rearticulações do mundo contemporâneo: A Segunda Guerra Mundial.** In: *História Moderna e Contemporânea.* 24ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BARBIER, Nina. **Malgré-elles: Les Alsaciennes et Mosellanes incorporées de force dans la machine de guerre nazie.** La Nuee Bleue, França, 2001.

BARROS, José D'Assunção B. **Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas.** Revista Comunicação e Sociedade, n. 55, p. 175-202, jan-jun, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada: um novo modo de ver e fazer História.** Revista de História Comparada, v. I, nº I, junho, 2007.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas. Vol I: Magia e técnica, arte e política.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERNADES, Margarida M. R; LOPES, Gertudres T. **Enfermeiras do Exército Brasileiro no transporte aéreo de feridos: um desafio enfrentado na 2ª Guerra Mundial.** Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN). Brasília, jan-fev, 60(16), 68-72, 2007.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BÉDARIDA, François. **Tempo presente e presença da história**. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRACHT, Maty Lynn. **Herdeiras do mar**. 2. ed. São Paulo: Paralela, tradução de Julia Souza, 2020.

BRUSCHINI, M. C. **Mulher e trabalho. Década da mulher**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMPOS, Ludimila C. **NO AFROUXAR DOS ESPARTILHOS: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária**. Revista Eletrônica História em Reflexão: V. 6, n. 12, jul-dez. Dourados -UFGD, 2012, p. 1-18.

CHIDID, I. R. **Segunda Guerra Mundial: Influência Bélica no Consumo e na Linguagem das Modas**. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202007/5_08.pdf. Acesso em: 07 de abril de 2022.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da guerra**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DELGADO, Lucilia A. N; FERREIRA, Marieta de M. **História do tempo presente e ensino de história**. Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 12-334, 2013.

DUARTE, A. P. **A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar**. Nação e Defesa, ed. Outono-Inverno, nº 112-3 – 3ª Série, 2005, pp. 33-50.

FERREIRA, Jorge. **Problematizando a Segunda Guerra Mundial**. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, 1996, pp. 189-194.

FIESELER, Beate; HAMPF, M. Michaela; SCHWARZKOPF, Jutta. **“Gendering combat: Military women's status in Britain, the United States, and the Soviet Union during the Second World War”**. In Women's Studies International Forum, v. 47, p. 115-126, 2014.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. 1. ed. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra S. A., 1992.

FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétarr, Philippe. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.109.

HELM, Sarah. **Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres**. 4. ed. São Paulo: Record, 2017.

HOBBSBAWM, Eric. **A era da guerra total**. In: A Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma História da Europa desde 1945**. Editora Objetiva: Rio de Janeiro. 2011, p. 63

KEEAGAN, K. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KLANOVICZ, Luciana. **A mobilização das mulheres estadunidenses na Primeira Guerra Mundial: as disputas por espaços de atuação como ampliação dos direitos civis**. Revista História, Ciências e Saúde: v. 20, n.2, abr-jun. Rio de Janeiro, 2013, p.717-719.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. In: LE GOFF, Jacques. A história nova. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LETA; J. MARTINS, F. **Docentes pesquisadores na UFRJ: o capital científico de mulheres e homens**. In: INEP. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES (Org.). Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira. Brasília: INEP, p. 85-101, 2008.

MANGUEIRA, Ana Beatriz. **A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e acadêmico brasileiro: desafios e perspectivas**. Foz do Iguaçu: XVII Congresso Internacional da América Latina, 2019.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. Revista Café com Sociologia. Vol. 4, n° 1. Jan. – abr, 2015.

MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates: da Escola dos Annales à História Nova**. Rio Grande: Revista Historiæ, 2010.

MATOS, Júlia Silveira. **Os ideais da subjetividade e objetividade na história: o paradigma da verdade**. Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br/bitstream/123456789/1743/1/Os%20ideais%20de%20subjetividade%20e%20objetividade%20na%20hist%c3%b3ria.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **Luta honrosa ou infernal? A Segunda Guerra Mundial a partir dos filmes KV-1: Almas de ferro (2018) e A Passagem (2019)**. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB – Em Tempo de Histórias, Brasília, n. 37, jul-dez, 2020, p. 618-633.

MAYNARD, Dilton C. S; MAYNARD Andreza D. C (Org). **Segunda Guerra Mundial: Apontamentos do Tempo Presente**. Recife: EDUPE, 2020.

MAYNARD, Dilton C. S; MAYNARD Andreza D. C (Org). **Visões do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: LP-Books, Vol II, 2013.

MELLO, Ana C. **As mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica Britânicas durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015.

MELO, H. P. **Gênero e perspectiva regional na educação superior brasileira.** In: INEP. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES (Org.). *Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira.* Brasília: INEP, v.1, p. 63-84, 2008.

Moderno Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2004, 2268p.

MOTA, C. G. **A Segunda Guerra Mundial (1939-1945).** In: *História Moderna e Contemporânea.* 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

NASCIMENTO, Danielle G. P. **Mas, afinal, os conceitos importam? O conceito político-cultural *Amefricanidade* de Lélia Gonzalez e as Teorias das Relações Internacionais.** Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **“Entre as ruínas, outros homens surgem”: Segunda Guerra Mundial e a reconstrução moral e material do mundo.** In: *História Contemporânea II: do entreguerras à nova ordem mundial.* São Paulo: Editora Contexto, 2020.

NEVES, Helena. **Mulheres na Primeira Guerra Mundial: Mudanças e Permanências.** ResPublica – Revista de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais. Lisboa, 2015

NETO, Winson de Oliveira Neto (Org). **O Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: Estudos Contemporâneos.** Santa Catarina: UNIVILLE, 2020.

NETO, W. O. **Uma guerra de imagens: apontamentos sobre a produção, a circulação e o uso de fotografias durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).** XXIX Simpósio Nacional de História: contra os preconceitos – História e Democracia. Brasília/UNB, 2017.

NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação Cinema-História.** In: BARROS, José D’ Assunção; NÓVOA, Jorge – Org): *Cinema-História: Teoria e Representações Sociais no Cinema.* Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil.** Brasília, v. 5, p. 68-77, 2011.

PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico.** [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

PAVLICHENKO, Lyudmila. **Lady Death: the memoirs of Stalin’s Sniper.** Greenhill Books, 2018.

PEDRO, Joana. M. **Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica.** Revista História. São Paulo, UNESP, 2005, vol 24(1), p 77-98.

PEDRO, Joana M. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila.** Revista Estudos Feministas, 13(1):2016, jan-abr. Florianópolis, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo (Bauru): EDUSC, 2005.

PURNELI, Sonia. **Uma mulher sem importância: a história secreta da espiã americana mais perigosa da Segunda Guerra Mundial**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2021.

QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. Laurousse do Brasil: São Paulo, 2009.

RICCOEUR, Paul. **História e tempo**. In: **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, pp. 357-421.

ROLIM, Maria E. Q. **As “mulheres de conforto”: o corpo como território**. Rio de Janeiro, 2018.

SABADIN, Ceslo. Méliès. O início do show. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 61-68.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 15, n. 2, p. 71-97, jul./dez. 1995.

SILVA, Francisco C. T; SCHURSTER, Karl (Org). **Apresentação**. In: Porque a guerra?. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p.5.

SOIHET, Rachel. **História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate**. In: AGUIAR, Neuma (org.) Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SOIHET, Rachel. **Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas**. In: Revista Estudos Feministas, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 - 2007.

TEIXEIRA, Cíntia M. **As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado**. Revista – Psicologia, Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 2, abr-jun. Brasília, 2009, p. 237-244.

THEBAUD, F. **História das mulheres no Ocidente**. Porto Alegre: Afrontamento, 1991.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. 2. ed. São Paulo: LaFonte, 2019.

VALIM, Alexandre Busko. **História e Cinema**. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro. Elsevier, 1997, p. 283-300.

VAQUINHAS, Irene. **Memória e História das mulheres e de Gênero: uma reflexão a partir do caso português**. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides F (Org). Memória Coletiva, Memória Individual, História Cultural. Araguaína, 2019.

VIRILIO, Paul. **Cinema e Guerra**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

WENDY, Lower. **As Mulheres do Nazismo**. Rocco: Rio de Janeiro, 2014.

FILMOGRAFIA

O leitor. Stephen Daldry. Produção de Anthony Minghella e Sydney Pollack. Alemanha/Estados Unidos: Imagem Filmes, 2008, 124min.

A batalha de Sevastopol. Sergey Mokritskiy. Rússia/Ucrânia: 21st Century Fox, 2015, 110min.

As mães do Terceiro Reich. Denis Malleva. França: Italique Productions, 2012, 92min.

As espiãs de Churchill. Lydia Dean Pilcher. Estados Unidos: SMT Pictures, 2019, 123min.